



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS

60 ANOS

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 3

ANO I

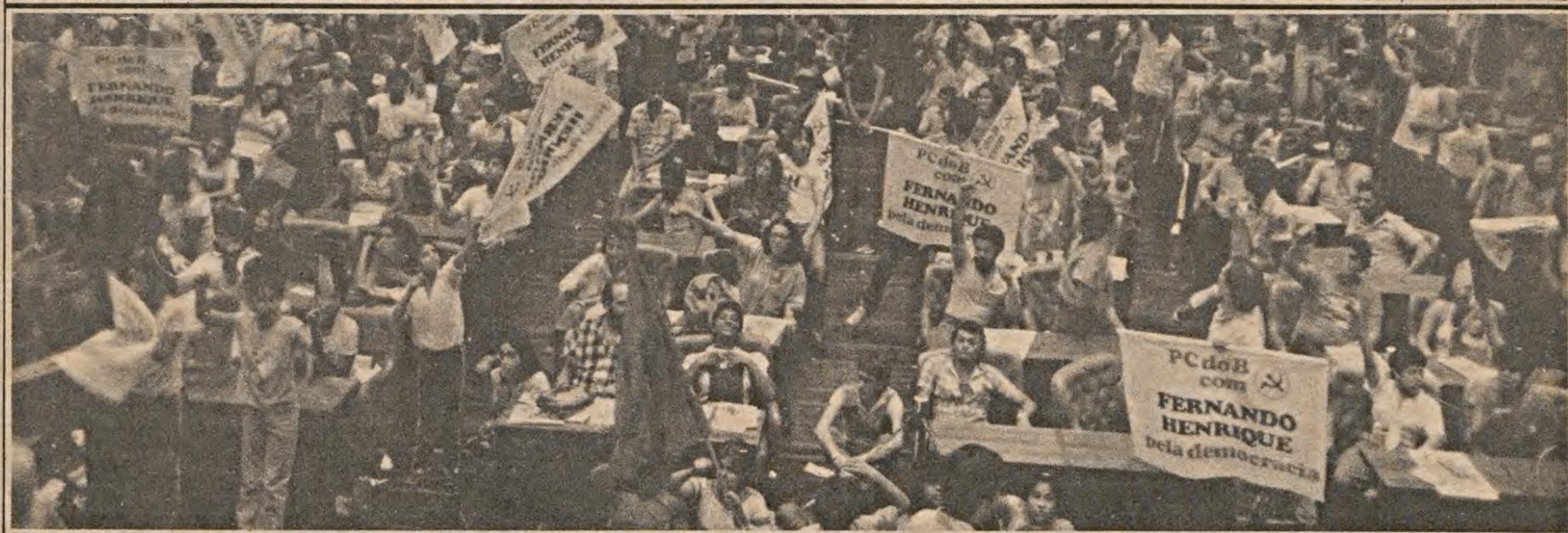
V FASE

AGOSTO/SETEMBRO 1985

CR\$ 1.000

COMEÇOU A BATALHA ELEITORAL

Os comunistas lutam e votam para consolidar a democracia



Direita articula pressão para que Nova República não mude nada

Editorial — Página 3

PCdoB já tem os seus deputados atuando em defesa do povo e da Nação

Páginas 5 e 6

Liberdade dentro das fábricas é um anseio de todos os trabalhadores

Página 2

Juventude quer lutar e o Partido deve ajudar na sua organização

Página 12

Vida nas fábricas

LIBERDADE PARA LUTAR

Os relatos são de duas operárias, jovens, com experiências diferentes mas um compromisso básico: lutar pela emancipação da sua classe e da sociedade em geral.

Foi com essa perspectiva que elas contaram um pouco do que aconteceu nos seus locais de trabalho. Uma delas é metalúrgica na região do ABC paulista, e a outra é operária têxtil, numa grande fábrica da capital. Elas garantiram que com o espaço de liberdade conseguido pelo povo na Nova República houve ampliação do espaço para a luta e organização dos trabalhadores. Mas, ao mesmo tempo, a situação está exigindo uma dose maior de maturidade, um preparo sério dos ativistas para enfrentar as novas batalhas e avançar nas conquistas.

Essa situação tem base bem concreta: a liberdade fora da fábrica está começando, mas dentro dela é **ditadura mesmo**.

CORTE SELECIONADO

No princípio do ano, uma greve de 28 dias parou o ABC. Desta vez, não houve intervenção no Sindicato dos Metalúrgicos, como antes. A repressão não foi a de anos anteriores. Houve, na realidade, um espaço para melhor organização. Os patrões, entretanto, aumentaram a sua intransigência.

"Eles diziam que não negociavam nem com o Sindicato. O 'facão' pôs na rua 3 mil operários, entre mulheres grávidas, cipeiros, gente com estabilidade, pessoal com doença profissional, todos os que tiveram alguma participação no movimento. Eles não respeitaram nada e selecionaram as lideranças para demitir. Uma companheira recebeu a gravidez to-dinha só para não ficar dentro da fábrica, isso para desmobilizar", contou a metalúrgica.

A alternativa, segundo ela, é fazer um trabalho muito bem feito porque os patrões, sabendo que existe um espaço um pouco maior para a organização dos trabalhadores, vão jogar com a ditadura e perseguição.

Dos ensinamentos que os operários tiraram, um dos maiores, segundo a metalúrgica, foi a necessidade de pesar bem as forças para não haver um prejuízo geral para a categoria. Ela diz que a direção do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC partiu de um ponto de vista pessoal durante a greve, e levou uma categoria inteira ao confronto direto com as multinacionais.

"O que a gente aprendeu ali foi que temos que nos preparar, saber quando recuar e acumular forças para enfrentar. Não é fazer uma luta isolada", reafirmou.

ELAS PARTICIPAM

Numa categoria que tem 75% de mulheres, a participação nas lutas é fundamental. Foi realizado um I Encontro de Operárias Têxteis em São Paulo, bastante produtivo, com questões específicas das mulheres bem discutidas. Isso mostrou que está havendo mais conscientização e interesse.

Quando se tem em conta a rotatividade da mão-de-obra na indústria têxtil pode-se perceber porque a organização dos operários é um problema urgente que reclama solução. Empregados com 15 e 20 anos de casa estão sendo mandados embora, e em lugar deles são contratados jovens de 16 a 18 anos pelo piso salarial para o mesmo trabalho.

REIVINDICAÇÕES

O direito de levar o filho ao médico em caso de doença, sem receber advertência é uma das mais sentidas reivindicações das têxteis. Elas não têm esse direito assegurado, mesmo que a falta seja justificada com o atestado médico. Além disso, há outros direitos ainda não atendidos, como creche no local de trabalho, melhoria das condições de trabalho das gestantes, igualdade salarial para função igual, atendimento médico-ginecológico na enfermaria, respeito por parte da chefia com as funcionárias.

GRANDE SALTO

Para a operária metalúrgica, houve um grande salto no que diz respeito à participação da mulher no Sindicato da categoria. Ela registra que há muitas mulheres ativistas, dando exemplo de dedicação nas lutas da classe.

Ao lado disso, porém, existem preconceitos no sindicato, na própria fábrica e até dos companheiros: "quando a gente está desenvolvendo um trabalho — disse a companheira — a chefia, e mesmo a peãozada, pensa em aplicar uma 'cantada'. Aí vê que não é por aí e a mulher acaba se impondo, apesar de todos os problemas".

Ela chama atenção para o fato de as mulheres terem tremendas dificuldades para criar os filhos — a maioria tem filhos — não têm como pagar alguém para cuidar deles e recorrem às vizinhas. "Tem hora que ela se revolta e quer participar, ir à luta!", afirma a companheira ao explicar o crescimento da participação feminina no Sindicato.

Legalizar o Partido dentro das fábricas

Que diferença faz um núcleo de metalúrgicos comunistas e operários independentes numa campanha salarial? A resposta está sendo dada no trabalho prático, em São Paulo, como resultado do I Encontro de Operários Metalúrgicos da Capital, promovido pelo PC do B, nos dias 10 e 11 de agosto, em Campos do Jordão.

Além da meta de filiar entre os metalúrgicos 3 mil novos membros para o Partido — tarefa vista com muito otimismo — tirou-se uma pauta de reivindicações e procedimentos para que a campanha salarial deste ano, cuja data-base é novembro, tenha amplas perspectivas de vitória. Para concretizar os objetivos, estão sendo realizadas reuniões nas fábricas, sobre a luta que os metalúrgicos têm pela frente, com a já esperada ofensiva patronal, tal como ocorreu no ABC.

A organização está recebendo a máxima atenção, com vistas a fazê-la ter firmes ligações nos locais de trabalho, assim como a escolha dos ativistas para compor os comandos de mobilização. Foram feitos esclarecimentos sobre as formas de luta, inclusive as fracassadas, como a "operação vaca-brava", além de cobrança de uma posição mais ofensiva do Sindicato. É a preparação para uma possível greve, sem a qual não deve sair um bom acordo para a categoria.

MAIS AVANÇO

Foram 150 ativistas sindicais presentes ao Encontro, muita gente nova, recém-filiada ao Partido, lideranças de fábrica, entre as quais 35 operárias.

Para uma delas, Atleide Alves, foi um dos maiores passos que o Partido deu até hoje a nível operário. "Daqui para frente — continuou — a tendência é fazer mais encontros desse tipo para que a influência do Partido cresça e penetre dentro das fábricas, aumentando também o número de filiações". Sobre o núcleo de comunistas, a companheira considerou igualmente um avanço em dois sentidos: "os comunistas vão tomar uma posição mais destacada na campanha salarial que vai ser dura. É importante ter a posição firmada. O núcleo vai se organizar nas assembleias para levar propostas... E com isso, vai acabando o

medo que a burguesia coloca na cabeça dos trabalhadores sobre os comunistas".

O metalúrgico Júlio, cipeiro pela segunda vez na fábrica onde trabalha, pela primeira vez num encontro aberto na legalidade, achou que o tempo foi pouco para discussão de tantos temas. Contudo, concluiu, com convicção, que por causa dele, vai lutar melhor: "depois da derrubada do regime militar, avançamos bastante. Ainda não está bom. Mais na frente fica melhor!"

CONHECER BEM

É difícil que um trabalhador, ao se filiar ao Partido, tenha pleno conhecimento do Programa, da força que ele tem, de como ele atua nas várias frentes de luta. Em geral, a identificação é feita pela posição dos comunistas nos momentos da luta de classes, pelas propostas defendidas, pela coerência da luta, pela perspectiva de transformação socialista. Com tudo ajudando — clima, calma e beleza da cidade — o encontro em Campos do Jordão foi considerado altamente esclarecedor, do ponto de vista do Partido.

Como observou um companheiro da Zona Leste, "a grande maioria sabe que o Partido existe mas não sabe o que é". Ele mesmo é filiado há pouco tempo, embora conheça o Partido desde 1968.

O esclarecimento sobre o Partido e seu Programa ficou a cargo do membro da Direção Nacional, Ronald Freitas, e do deputado federal e metalúrgico Aurélio Perez, que fez um balanço do que representa o PC do B para a classe operária.

O I Encontro dos Trabalhadores Metalúrgicos de São Paulo, promovido pelo Partido, recolheu as sugestões dos participantes para levá-las à discussão com a categoria. Uma edição especial do jornal "Unidade Operária", do Diretório Regional de São Paulo, traz as resoluções do encontro na íntegra.

Dentre as bandeiras de luta da campanha dos metalúrgicos destacam-se: luta pelas 40 horas semanais, efetivação do trimestral, horário do café sem corte, aumento real, comissão sindical de fábrica, estabilidade no emprego, fim das horas-extras.



Expediente

A CLASSE OPERÁRIA

Publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda.

Redação e Administração:
Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 1511 - Bela Vista
São Paulo - Capital - CEP 01317

Diretor e jornalista responsável
João Amazonas

Diagramação:
Vinícius Garcia

Composição e Impressão:
Cia. Editora Joruês

Exemplar avulso Cr\$ 1.000

Assinatura anual Cr\$ 12.000

Distribuição nacional em bancas:
Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907 -
Rio de Janeiro - RJ - CEP 21031 - Tel: 270.8086



Vanguardia Obrera

EDITORIAL

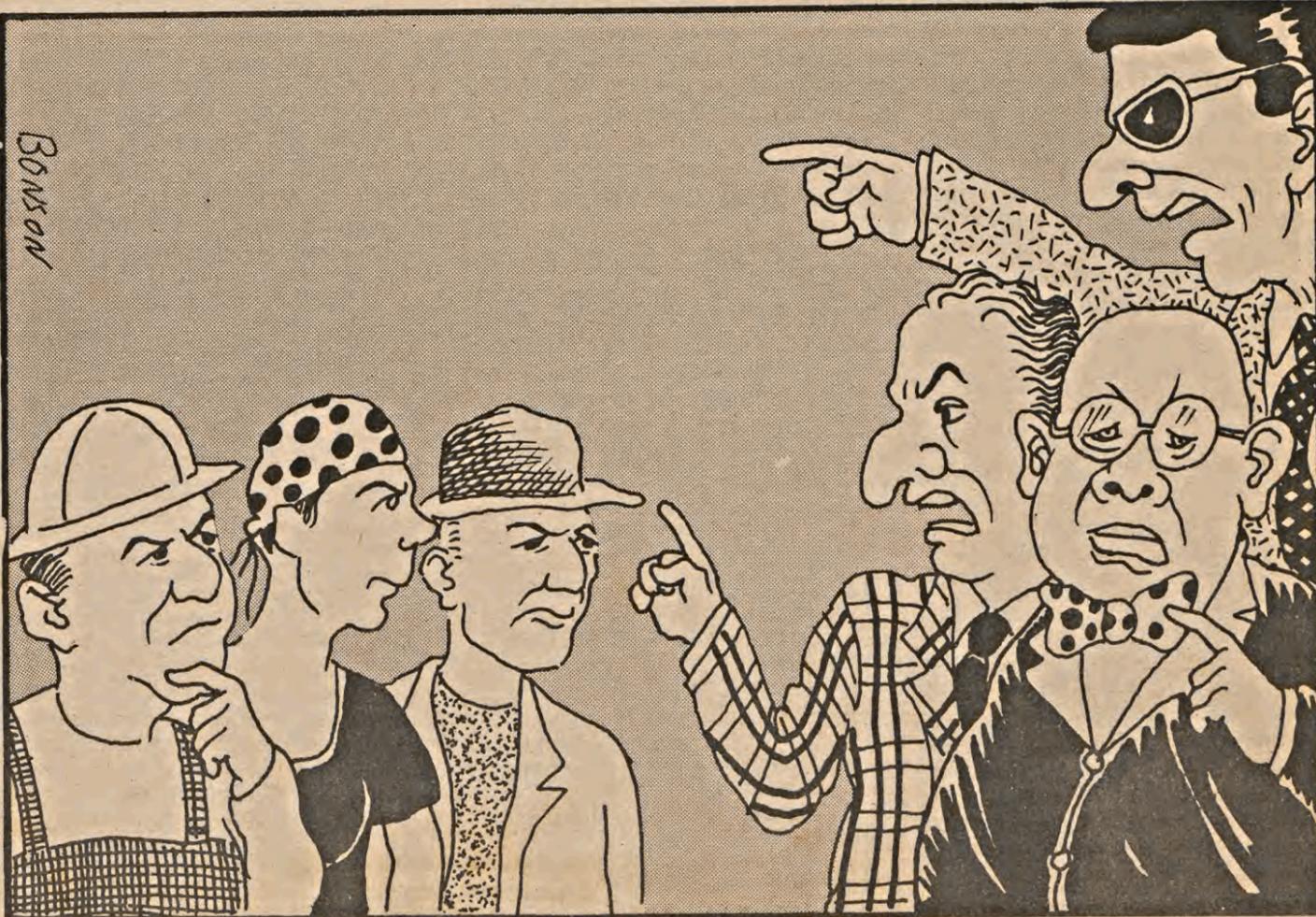
PRESSÕES DA DIREITA

João Amazonas

A declaração do ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, que alcançou repercussão **programada** na imprensa e na TV tem objetivos muito claros — pressionar o governo no sentido da **direita**.

“Para o meu gosto — disse Magalhães — há demasiada presença da esquerda no governo“. O gosto desse antigo servidor do regime militar é bem conhecido. Durante sua gestão como governador da Bahia não fez mais do que reprimir o povo e perseguir os adversários políticos. É um reacionário impenitente que, sentindo o barco em que se achava afundar, lançou-se ao mar no rumo do movimento tancredista. Aboletado no governo da Nova República, graças à composição eclética determinada por Tancredo Neves, incomodase ante o clima democrático instaurado no país com a derrota dos generais; alarma-se com as lutas sociais, com as greves e as reivindicações populares, com o debate que vai crescendo em torno da Constituinte; preocupa-se com as conseqüências negativas que poderão advir da revelação de crimes monstruosos praticados por generais e coronéis à sombra do poder com o propósito de esconder ladroagens e traficâncias em que estavam envolvidos, apavora-se com a perspectiva da reforma agrária e com a exigência popular de suspensão do pagamento das dívidas externas. É por tudo isto que acusa o governo de abrigar esquerdistas demais em seu seio. Esquerdistas? Quem são eles? Por maior esforço que se faça não se encontra ninguém nesse governo que adote tal tendência. Nele há certos democratas, homens que foram perseguidos por suas atitudes antiditatoriais, e alguns liberais. São bem poucos. A maioria é composta de conservadores e **moderados**, gente que não afina com a vontade do povo manifestada nas praças públicas.

É bom notar que Magalhães não fala por si só, nem mesmo unicamente pelos conservadores no governo. Ele expressa todo um leque de opiniões **direitistas** que vai dos latifundiários e grandes capitalistas associados com os monopólios estrangeiros, passando pelos banqueiros do país e



do exterior, até os militares desalojados do poder, inconformados de haverem perdido privilégios absurdos que desfrutavam. Toda essa camorra se reagrupa e abre a boca no mundo usando os velhos chavões contra o comunismo, contra a liberdade, contra as aspirações de progresso nacional.

É evidente — como dizem os comunistas do PC do B em seu documento de março deste ano — que “a diferenciação entre setores moderados e conservadores, e setores progressistas e patrióticos, bem como a luta entre eles, constitui o conteúdo do desenvolvimento da situação política atual e do período vindouro“. Ao participar da campanha democrática de 1984, os conservadores e moderados tinham em vista mudanças de ordem secundária no país, enquanto as forças progressistas e pa-

trióticas — milhões de brasileiros na praça pública — reclamavam mudanças de profundidade não apenas nos métodos políticos como nas questões fundamentais que se relacionam com a soberania e o progresso da Nação. Esta luta das forças renovadoras precisa ser levada adiante firmemente. É indubitável que não se liquidou o regime militar para que tudo continuasse na mesma ou com a simples mudança da fachada. É indispensável mudar. E para mudar impõe-se a luta contra os que querem, por interesses menores, impedir o avanço do país.

O povo brasileiro, sem perder a perspectiva da união de amplas forças para sustentar os pressupostos da Nova República, precisa manifestar por todos os meios suas exigências de mudanças, reclamar a suspensão do

pagamento da dívida e de juros escorchantes aos banqueiros internacionais, exigir a realização da reforma agrária, a efetiva democratização da sociedade brasileira. Não nos dispersemos! Não façamos o jogo dos que buscam interesses próprios! Todos os democratas juntos para tornar realidade as aspirações populares!

Os Magalhães, os Gusmões, os Euclýdes Figueiredo e outros semelhantes, porta-vozes da direita, têm de ser isolados e derrotados. É de democracia, e não de regime reacionário, que o Brasil precisa. É de independência e soberania nacional, e não de subordinação aos banqueiros, que o país carece. É de superação da crise social, e não de promessas sem conteúdo real de desenvolvimento econômico independente, que a Nação necessita.

STÁLIN

PROBLEMAS ECONÔMICOS DO SOCIALISMO NA U.R.S.S.



JOÃO ANÍTA GARIBALDI

Uma grande obra por Cr\$ 10.000

Pedidos para Editora Anita Garibaldi Ltda.
Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 1511 — CEP 01317
Tel. 37-4059
São Paulo — Capital
Cheque nominal — Vale Postal ou Reembolso Postal (para pedidos acima de Cr\$ 40.000)

ALBÂNIA

40 ANOS DESBRAVANDO A HISTÓRIA



Texto de Ramiz Alia e o último discurso de Enver Hoxha

Apenas Cr\$ 6.000

ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Batalha pela consolidação democrática

José Reinaldo Carvalho

O Brasil inteiro já vive intensamente a campanha eleitoral para as prefeituras das capitais e das antigas áreas de "segurança nacional". Nas primeiras escaramuças eleitorais, convenções partidárias, debates, festas de lançamento dos candidatos democráticos e outros atos políticos, o povo vai revelando muita disposição de luta e vontade de participar ativamente. E não apenas como espectador ou eleitor, mas como o principal sujeito da campanha, influenciando na elaboração das plataformas e imprimindo caráter massivo à luta eleitoral.

Isto ocorre porque o pleito que se aproxima é a primeira grande batalha dentro do novo quadro político formado com o advento da Nova República. Será a primeira vez, depois de 21 anos de arbítrio e ditadura, que o povo votará em clima de liberdade, sem estar jungido à canga de leis antidemocráticas ou inibido pela tutela ameaçadora da oligarquia fardada. Outra característica que dá à batalha eleitoral deste ano um grau de importância maior é o fato de anteceder as eleições para a Assembléia Nacional Constituinte e governos estaduais, a se realizarem em novembro de 86.

Desse modo, as forças políticas vão se agrupando e reagrupando tendo em vista principalmente esse futuro, inclusive as eleições presidenciais de 1988. Cada partido apresenta seus candidatos, realiza alianças e coligações tendo em vista melhor se posi-

cionar para os embates vindouros. Vista desse prisma, a eleição deste ano aparece como um decantador de forças, funciona como o momento de definição de novo espectro de forças políticas.

MUDAR OU RECUAR

O problema político fundamental que aparece como divisor de águas é a luta entre as duas correntes principais da sociedade brasileira hoje: entre as forças **mudancistas** que criaram a Nova República, de um lado, e as forças **conservadoras e retrógradas** que tentam barrar o avanço democrático e progressista do país, do outro lado da trincheira.

Esta polarização se manifesta em cada estado com maior ou menor intensidade. Em geral, as forças democráticas e progressistas se alinham na legenda do PMDB promovendo em torno dela coligações amplas. Em várias capitais foi possível chegar a esse grau de unidade, resultando na escolha de candidaturas respaldadas no movimento democrático e popular e de trânsito fácil nas áreas liberais. É o caso de Porto Alegre, com a candidatura de Francisco Carrion, Salvador, com Mário Kertész, Aracaju, com Jackson Barreto, Maceió, com Djalma Falcão, São Paulo, com Fernando Henrique Cardoso, Manaus, com Manoel Henrique Ribeiro e Belém, com Fernando Coutinho Jorge. Marcha unido o movimento democrático também em cidades co-

mo Vitória, Natal, Fortaleza, Teresina, Goiânia, Cuiabá e Recife, com boas possibilidades de vitória.

DIVERSIONISMO A MARCA DO PCB E DO PDT

Observa-se neste processo de escolha de candidaturas e definição de coligações a atitude diversionista e de direita de partidos como o PDT e o chamado PCB. O agrupamento bri-zolista atua em função do objetivo maior de seu caudilho, que é chegar à presidência da República em 88, o que o leva às atitudes mais aventureiras e inescrupulosas, compondo-se com a reação e investindo na divisão das forças democráticas e populares.

Já a agremiação revisionista revela sua catadura de serviçal das classes dominantes, apregoando a conciliação, privilegiando em suas alianças os setores moderados e conservadores e manifestando seu oportunismo ao lançar candidaturas próprias para retirar votos dos setores progressistas. De efeito particularmente danoso são as candidaturas "pecebistas" em Recife, Belo Horizonte, Maceió e Curitiba, pois constituem uma ajuda indireta à reação.

POLÍTICA COERENTE

O Partido Comunista do Brasil, coerente com sua linha política já testada nos grandes embates democráticos que nosso povo tem vivenciado, adotou neste período pré-eleitoral, uma orientação justa, am-

pla e unitária. Partiu de critérios não exclusivistas, colocando acima de tudo não interesses imediatistas mas o interesse da nação e do povo. Colocou como questão essencial o fortalecimento da luta pelas mudanças que a nação reclama, o avanço progressista da Nova República e a consolidação da democracia. Por isso, trabalhou denodadamente para que aparecessem candidaturas democráticas, populares, patrióticas, com capacidade de unir amplas forças e galvanizar as massas populares. Nesse sentido, nosso Partido sente-se vitorioso por ter dado uma contribuição efetiva ao surgimento de candidaturas desse tipo. Em muitos casos, foi o nosso Partido a força propulsora da unidade, o fator de estabilidade da aliança democrática e progressista.

MOBILIZAR O POVO

Agora, trata-se de arregaçar as mangas. Ganhar as ruas, abordar o povo, sistematizar suas reivindicações, discutir as grandes questões nacionais, organizar comitês unitários, realizar grandes comícios, fazer propaganda das idéias emancipadoras da democracia, da independência nacional e do progresso social.

Todos os efetivos partidários estão chamados a cumprir papel de destaque nessa campanha. Uma retumbante vitória eleitoral das forças democráticas e progressistas será fator de importância no avanço das lutas do povo.

Os candidatos que o PC do B apóia

CIDADE	CANDIDATO	LEGENDA
Porto Velho (RO)	Jerônimo Santana	PMDB
Rio Branco (AC)	Adalberto Aragão	PMDB
Manaus (AM)	Manoel Henrique Ribeiro	PMDB
Boa Vista (RR)	Silvio Leite	PMDB
Macapá (AP)	Raimundo Azevedo Costa	PMDB
Belém (PA)	Fernando Coutinho Jorge	PMDB
São Luís (MA)	Haroldo Sabóia	PMDB
Terezina (PI)	Wall Ferraz	PMDB
Fortaleza (CE)	Paes de Andrade	PMDB
Natal (RN)	Garibaldi Alves	PMDB
Recife (PE)	Jarbas Vasconcelos	PSB
Maceió (AL)	Djalma Falcão	PMDB
Aracaju (SE)	Jackson Barreto	PMDB
Salvador (BA)	Mário Kertész	PMDB
Vitória (ES)	Hermes Laranja	PMDB
Belo Horizonte (MG)	Sérgio Ferrara (pendente de confirmação)	PMDB
Goiânia (GO)	Daniel Antônio	PMDB
Cuiabá (MT)	Dante de Oliveira	PMDB
Campo Grande (MS)	Juvêncio Fonseca	PMDB
São Paulo (SP)	Fernando Henrique Cardoso	PMDB
Curitiba (PR)	Roberto Requião	PMDB
Florianópolis (SC)	Édison Andrino	PMDB
Porto Alegre (RS)	Francisco Carrion	PMDB
Camaçari (BA)	Luiz Caetano	PMDB
Cubatão (SP)	Armando Campinas	PMDB
Anápolis (GO)	Adhemar Santillo	PMDB

Faça **JÁ** sua assinatura da **PRINCÍPIOS**



Apenas Cr\$ 35.000

Nome _____
 Profissão _____
 Endereço _____
 Cidade _____ Estado _____ CEP _____ FONE: _____
 Data ____/____/____

Quero receber uma assinatura da PRINCÍPIOS, com direito a 4 números. Para isso
 envio cheque nominal / vale postal em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda.

Av. Brigadeiro Luís Antônio, 1511. CEP 01317
 São Paulo, SP.

Reuniu-se a direção do Partido

Nos últimos dias 17 e 18 de agosto reuniu-se em São Paulo a Comissão Diretora Nacional Provisória do Partido Comunista do Brasil. Em pauta, a situação política nacional, a evolução do governo Sarney e suas perspectivas. Os dirigentes do Partido discutiram amplamente a situação política do país e reafirmaram as justas posições do Partido expostas no Manifesto à Nação, no Programa do Partido e nos materiais mais recentes, particularmente o documento "A Posição dos Comunistas em Face da Nova Situação Política" (ver CO de março/abril/85). A Comissão Diretora elaborará novo documento atualizando a orientação política do Partido que se baseia nos seguintes pontos fundamentais: consolidar e ampliar a democracia; sustentar em todos os terrenos as reivindicações do povo; unir as forças democráticas, patrióticas e populares, em torno das mudanças progressistas que a nação reclama e da sustentação do regime democrático; apoiar o governo da Nova República, tendo em vista a consolidação e a ampliação da democracia e a efetivação de mudanças.

A Comissão Diretora Nacional Provisória fez ainda um balanço da batalha eleitoral, enfatizando a justiça da orientação do Partido e os resultados obtidos na maioria das capitais (ver matéria à pag. 4).

O terceiro tema discutido pela direção foi a atuação do Partido na legalidade, sobre o que também será elaborado um documento.

Campanha de finanças

A atividade atual de nosso Partido exige uma ampla base material na sua infra-estrutura. Precisamos ter amplas sedes para o funcionamento dos Diretórios Regionais e Municipais e igualmente nos bairros para os Diretórios Distritais. Essas sedes precisam estar aparelhadas para atender as necessidades dos militantes, amigos e simpatizantes.

A campanha eleitoral que se inicia será uma importante oportunidade para a ampla difusão de nosso Manifesto e do Programa, bem como das propostas que o Partido tem em cada município onde se realizará o pleito.

A impressão dos materiais programáticos e de propaganda, em quantidades que permitam a sua ampla difusão exige que sejam montadas gráficas e a formação de técnicos impressores capacitados a produzir materiais de boa qualidade e apresentação.

Para atendermos todas essas necessidades, torna-se imperioso o lançamento de uma ampla campanha de finanças que possibilite a arrecadação de fundos suficientes que garantam o bom desempenho da atividade partidária.

Essa campanha deve ter um caráter amplo e massivo. Devem ser planejadas atividades que nos vinculem ainda mais com as amplas massas. As campanhas passadas nos indicam que a confecção de distintivos, flâmulas, selos adesivos, e outros com motivos políticos e artisticamente confeccionados são bons materiais para a arrecadação de finanças. É preciso também que saibamos abordar os amigos e simpatizantes que sempre se prontificaram a ajudar a luta democrática e patriótica.

O lançamento desta campanha deve ser imediato, ganhar as ruas e mobilizar todos os que desejam ver o PC do B um partido forte, amplo e vinculado profundamente às massas.

Comunistas voltam ao Congresso Aurélio destaca causa dos operários

No último dia 5 de agosto os deputados Haroldo Lima e Aurélio Perez assumiram oficialmente na Câmara Federal a legenda gloriosa do Partido Comunista do Brasil, constituindo a bancada comunista depois de 38 anos de ilegalidade e cassação forçadas pelo arbítrio da reação. Fato auspicioso na vida do país e do Partido, a criação da bancada do PCdoB na Câmara Federal é mais uma vitória democrática de nosso povo e um reflexo direto da justiça da orientação política do Partido.

Qual o significado histórico do reaparecimento da bancada parlamentar comunista no cenário político nacional?

Aurélio Perez — A bancada parlamentar comunista, no seu curto período de legalidade, destacou-se por ações e intervenções corajosas, amplas, profundamente ligadas aos anseios da classe operária e do povo brasileiro. Seus integrantes, desde os primeiros momentos da Constituinte de 46, defenderam claramente os ideais da classe operária e as aspirações democráticas mais gerais da Nação. Na esteira das grandes mobilizações de massa que marcaram o período mais recente, o Partido destacou-se como organização apoiada e defendida pelos democratas e pelo povo, e reassumiu sua legalidade.

Hoje, como uma das mais significativas vitórias da Frente Democrática, o PC do Brasil, o Partido mais antigo do país, reconquista seu direito de apresentar seus parlamentares. Reconstitui sua bancada própria, cuja atuação seguirá marcada, sem dúvida, pela mesma coragem e independência na defesa dos interesses da classe operária e do povo, pela mesma responsabilidade e compromisso com a consolidação da democracia e pelo mesmo vigor e empenho na garantia da liberdade para permitir o avanço da luta por uma nova sociedade.

Como líder operário, o que isto representa em termos de relacionamento com as bases?

Aurélio Perez — Representa a possibilidade de dirigir-me à classe operária



Aurélio Perez

Luiz Carlos Leite

A atuação parlamentar da bancada comunista será democrática e unitária e se voltará para a consolidação da democracia e o avanço das lutas de nosso povo.

Igualmente, será fator de primeira ordem no aumento da influência de nosso Partido e no crescimento de suas fileiras. É o que assinalam entre outras coisas o líder dos Comunistas na Câmara Federal Haroldo Lima (pg 6) e o deputado e dirigente operário Aurélio Perez que nos concedeu uma entrevista exclusiva.

em nome do Partido Comunista do Brasil, divulgando e defendendo amplamente a ideologia proletária; colocar o mandato, nascido e apoiado na luta operária e sindical, como instrumento de fortalecimento dessa luta em todos os níveis, de organização cada vez maior da classe à qual pertencem.

Representa a explicitação de posições que temos defendido na Câmara, ainda abrigados sob a legenda da frente oposicionista, agora com mais clareza e perspectiva de classe, levantando alto a bandeira do socialismo e da derrubada desse sistema econômico e político, a par da luta democrática e patriótica, que dê fim aos angustiantes e profundos problemas do operariado e de todo o povo. Representa também a possibilidade de ampliar a nossa ação no seio do movimento operário, sindical e do movimento popular, com base na enorme confiança que os trabalhadores depositam na gloriosa legenda do PCdoB.

Que contribuição a bancada do PCdoB pode dar para a unidade democrática e popular tão necessária para o avanço das lutas do povo?

Aurélio Perez — O fim do regime militar foi um grande passo histórico da Nação brasileira, que demonstrou claramente a importância da unidade entre as forças democráticas e populares para conseguir os objetivos comuns. Esse espaço democrático ainda não está consolidado e persistem inúmeras questões dessa ordem que exigem a firmeza e a ação conjunta dos setores populares e das forças mais comprometidas com o avanço social e o progresso — o fim da legislação de exceção, do SNI, as mudanças urgentes para atender as

condições críticas do povo no trabalho e na própria sobrevivência.

A bancada parlamentar do PCdoB vai orientar-se no esforço maior de assegurar a permanente unidade democrática e popular, com base em propostas e programas concretos de ação política, que envolva tantos quantos forem os setores que se proponham a fazer avançar as lutas do nosso povo. Isto é ser coerente com o passado de lutas heróicas, com o presente e o futuro de novas jornadas do Partido Comunista do Brasil.

E para a construção do Partido como organização influente e numerosa, o que podem fazer os parlamentares?

Aurélio Perez — Neste quadro de grande efervescência política e social, quando o povo exige as mudanças e se prepara para participar da Constituinte, os parlamentares comunistas cumprem a difícil tarefa de criticar severamente os erros e impulsionar os acertos da administração política, denunciar e informar aos operários e à sociedade tudo que possa impedir o avanço da sua luta, apoiar efetivamente a crescente organização popular na defesa de seus direitos. Tornar conhecidos o Partido e suas idéias, suas propostas para o momento atual e para o futuro, desmascarar os que tentam iludir a classe operária com falsas lutas radicais; colocar o mandato a serviço do crescimento da organização política dos operários, ressaltando a importância dessa organização na fábrica e fora dela, para fazer avançar a batalha contra os exploradores da classe e de todo o povo, impedidos que foram, até bem pouco tempo, de conhecer e debater seu verdadeiro papel na definição do futuro da sociedade.

Receba em casa

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

fazendo já sua assinatura!

Sim eu quero receber A CLASSE OPERÁRIA. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, no valor de Cr\$ 12.000

Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 1.511, CEP 01317

Luta do povo conquista legalidade do PC do B

NOME

ENDEREÇO

BAIRRO

CIDADE **CEP**

ESTADO **PROFISSÃO**

DATA

Haroldo lembra discurso de Grabois

Ao assumir oficialmente a liderança da bancada do PCdoB na Câmara Federal, no último dia 5 de agosto, o deputado federal Haroldo Lima, da Bahia, fez importante discurso onde traça a orientação que a bancada dos comunistas terá no Congresso e relembrou trechos do último discurso de um deputado comunista na Câmara, há 37 anos, feito por Maurício Grabois.



Haroldo Lima

“Senhor presidente, Senhores deputados, O Diário do Congresso Nacional que circulou em 11 de janeiro de 1948 estampou na sua primeira página, e com destaque, a seguinte resolução:

“A Mesa da Câmara dos Deputados, em face do disposto no artigo 23 da Lei nr. 211, de 07 de janeiro de 1948, e tendo em vista o ofício nr. PRO 83, de ontem, em face que o Tribunal Superior Eleitoral, nos termos do parágrafo único do citado artigo de lei, lhe comunica haver sido cassado, pela resolução desse Tribunal, de 07 de maio de 1947, o registro do Partido Comunista do Brasil.

“Declara extintos os mandatos dos deputados e suplentes eleitos sob a legenda desse partido.

“São os seguintes os deputados que foram eleitos sob a legenda do Partido Comunista do Brasil: Carlos Marighela; Francisco Gomes; João Amazonas de Souza Pedrosa; Maurício Grabois; Agostinho Dias de Oliveira; Alcedo de Moraes Coutinho; Gregório Lourenço Bezerra; Abílio Fernandes; Claudino José da Silva; Henrique Cordeiro Oest; Gervásio Gomes de Azevedo; Jorge Amado; José Maria Crispim; Oswaldo Pacheco da Silva.

“Sala das reuniões da Mesa da Câmara dos Deputados, em 10 de janeiro de 1948. Samuel Duarte, Munhoz Rocha, Getúlio Moura, Jonas Correia”.

No dia anterior ao desta publicação, o Diário do Congresso registra o último e contundente protesto contra essas cassações, lavrado em sessão da Câmara, a 7 de janeiro de 1948; pelo líder da bancada do Partido Comunista do Brasil, deputado Maurício Grabois. Esse foi o derradeiro discurso de um membro do PC do Brasil nesta Casa.

Neste instante, 37 anos depois, com muita honra e emoção, trago de novo a esta Casa a voz dos comunistas na qualidade de líder atual da bancada do mesmo PC do Brasil, banido há quatro décadas. Proferindo este primeiro pronunciamento como líder, reporto-me ao último pronunciamento do líder Maurício Grabois, para tirar lições e para homenageá-lo.

Grabois não se defendeu ante o Parlamento que se ajoelhava à vontade do ditador Dutra. Disse logo ao começar seu discurso: “Se aqui estamos é mais para acusar, pois somos o alvo desse grupo fascista, dessa maioria subserviente”. O Parlamento subalterno, para ele, carecia da dignidade que as instituições devem preservar para se fazerem respeitadas. “Por isso — dizia Grabois — dirijo-me não a essa maioria que liquida com a democracia, mas ao povo brasileiro que, organizado somente ele, é capaz de assegurar a democracia em nossa pátria”.

Grabois demonstra com precisão e argúcia que a cassação do PC do Brasil beneficiava a dois tipos de interesses principais, os do capital estrangeiro e os do fascismo. A expulsão da combativa bancada comunista do cenário do Congresso significaria calar, neste recinto, um baluarte da defesa da nacionalidade e da democracia.

Algumas últimas palavras proferidas por Grabois nesta Casa, há 37 anos, me-

recem ser fixadas como afirmação de um pensamento e de uma certeza que perderam: “Sabemos que não é preciso ser comunista para defender a democracia e a Constituição...”; “A experiência mostrou que, com o golpe de 1937, não sofreram apenas os comunistas, mas também aqueles que, embora de ideologia contrária, tiveram capacidade de erguer sua voz, protestando contra os desmandos da ditadura”; “Devemos declarar ao povo que nós comunistas não cruzamos os braços, não nos sujeitamos à opressão, porque empunharemos sempre a bandeira da luta da democracia, a bandeira do progresso nacional”. Enfim, proclamava Grabois no seu último parágrafo: “Somos a juventude do mundo, os homens que lutam pelo progresso do Brasil”.

Em 1973, nas margens do caudaloso Araguaia — rio tornado trincheira — à frente de uma resistência guerrilheira que se estendeu por cerca de três anos, foi assassinado o ex-deputado, constituinte de 1946, líder da bancada do PC do Brasil na Câmara e comandante das Forças Guerrilheiras do Araguaia, Maurício Grabois. Morreu dando exemplo de combatividade e amor incondicional pela liberdade. A promessa feita em seu último discurso começa agora a ser cumprida. Prenunciava ele: “Quando ressurgir a verdadeira democracia, a democracia do povo, quando for respeitada a sua vontade, podem estar certos, senhores representantes que nesse instante cassam nossos mandatos, que voltaremos...”

Durante os seus 63 anos de existência, o Partido Comunista do Brasil, sofrendo as mais duras perseguições, nunca se furtou à luta pela democracia, pela liberdade, pelo progresso e pela justiça social. Sempre defendeu a doutrina social fundada por Marx e Engels, base do socialismo científico. Durante todos esses anos, sobreviveu, resistindo e reagindo, a violências inauditas que custaram a vida de muitos camaradas a quem, neste instante, rendo homenagens.

Nos últimos anos, já nos estertores do regime militar fascista que infernizou nosso país, voltamos a ocupar as ruas, campos e praças de todo o país, com nossas bandeiras vermelhas a tremular garbosas, participando ativamente das

decisivas jornadas populares que levaram à criação da Nova República. Engajamo-nos decididamente na memorável campanha pelas diretas-já e, esgotadas todas as possibilidades de vitória, estivemos desde o primeiro momento apoiando e participando da vitoriosa campanha da Aliança Democrática, defendendo nas ruas a chapa Tancredo Neves-José Sarney.

Somos, portanto, co-participantes e co-autores dessa vitória. Apoiamos o governo da Nova República e o presidente José Sarney porque entendemos ser este o caminho adequado para a consolidação das conquistas obtidas e para o avanço em direção às mudanças fundamentais que nosso povo ansiosamente aguarda.

Fundado em março de 1922, reestruturado em fevereiro de 1962, o Partido Comunista do Brasil retoma, agora, o caminho da legalidade, sempre almejado por seus militantes. Editou uma Declaração Programática, Estatutos e um Manifesto para se apresentar ao povo e para se registrar perante o Tribunal Superior Eleitoral. Seu Manifesto procura sintetizar as idéias que defende na fase atual da vida brasileira. Declara que na situação presente o Partido Comunista do Brasil:

“Quer a instalação de um regime efetivamente democrático que ponha fim às discriminações e preconceitos reacionários, assegure o direito de livre organização e participação do povo na vida política nacional, garanta eleições diretas pelo sufrágio universal e secreto em todos os níveis.

“Quer o término da subordinação do país ao capital estrangeiro que tantos males acarreta ao nosso povo e, por isso, defende a suspensão do pagamento da dívida externa e dos juros escorchantes como forma de vencer as dificuldades e a crise que o Brasil enfrenta.

“Quer o respeito à soberania e à independência nacional, o desenvolvimento econômico independente que possibilite o progresso efetivo do país em benefício do povo.

“Quer a reforma agrária antilatifundiária que assegure terra e trabalho, apoio e assistência às imensas massas camponesas privadas atualmente dos meios essenciais de subsistência.

“Quer a melhoria imediata da qualidade de vida da população, o fim do desemprego, a redução da jornada semanal de trabalho, a autonomia e a liberdade sindicais, a defesa do poder aquisitivo dos salários.

“Quer a liquidação de toda a legislação arbitrária e a dissolução dos órgãos repressivos criados pela ditadura, como condição prévia à convocação da Assembleia Constituinte livre e soberana para elaborar uma Carta Magna moderna e democrática.

“Quer consolidar a vitória da democracia alcançada com a eleição de Tancredo Neves e José Sarney e avançar no rumo das mudanças de profundidade reclamadas pela nação.

“Quer a ampla união do povo brasileiro, em particular da classe operária como base da grande unidade popular, indispensável à realização das grandiosas tarefas que se colocam na ordem do dia e à conquista de um Governo Democrático e Popular.

“Quer, finalmente, aproximar a perspectiva socialista, pois somente o socialismo libertará todas as energias nacionais e populares recalçadas pelo atual sistema reacionário, superará as condições básicas da sociedade brasileira, construirá uma vida nova, próspera e feliz para o nosso povo”.

Senhor presidente, senhores deputados, é na linha dessas posições que a partir desse momento retorna a esta Casa uma bancada do PC do Brasil!”

Um jornal semanal que reflete as lutas do povo. **Tribuna Operária**



Comunistas abrem com festa novas sedes do partido

PC do B apóia acordo político para mudar



Vereador baleado diz que continua na luta



Mongelo não foi o único nazi que se ocultou no Brasil



Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

- Anual (52 edições) Cr\$ 100.000
- Anual Popular (52 edições) Cr\$ 50.000
- Semestral (26 edições) Cr\$ 50.000
- Semestral Popular (26 edições) Cr\$ 25.000
- Assinatura trimestral (17 edições) Cr\$ 12.500
- Anual para o exterior (em dólares) US\$ 70

Nome:

Endereço:

Bairro:

Cidade: CEP:

Estado:

Profissão:

Data:

Enderece a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi: rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo. CEP 01318.

Reforma Agrária

Luta une campo e cidade

O mais simples trabalhador, o estudante, a dona-de-casa devem ter clareza de que a fome, o desemprego, os baixos salários, a violência na cidade e no campo têm sua raiz na secular manutenção de muita terra nas mãos de poucos — os latifundiários não chegam a 50 mil no país, segundo informou o Incra. Por isso, falta terra para milhões de camponeses e alimento para quase cem milhões de subnutridos.

A campanha a nível nacional pelo início da reforma agrária, aspiração do povo brasileiro, a partir da aplicação imediata do Plano Nacional de Reforma Agrária da Nova República, o PNRA, recebeu um forte impulso com o apoio dos trabalhadores urbanos. Em várias capitais, foram convocados atos pela Conclat — Coordenação Nacional da Classe Trabalhadora — em defesa da luta unitária pela reforma. Só em São Paulo, no Sindicato dos Metalúrgicos, uniram-se em torno dessa bandeira nada menos que 214 sindicatos, dezenas de entidades democráticas, estudantis e populares e várias delegações de sindicatos e trabalhadores rurais de diversos municípios. No Rio, mais de 5 mil pessoas foram à Cinelândia apoiar a reforma agrária.

O VELHO E O NOVO

O movimento está se expandindo, mesmo porque é grande a reação contra a aplicação do PNRA. Materialmente, são milhões de cruzeiros gastos na compra de armas para ameaçar, intimidar e investir contra os sem-terra ou com pouca terra. Além disso, são realizados pelo país afora congressos e encontros reacionários para reivindicar do governo o fortalecimento do latifúndio. A propaganda contrária às mudanças é fartamente veiculada nos grandes jornais conservadores e revistas de circulação nacional, sem falar que, a todo momento, são anunciados "pactos de defesa armada" por parte dos latifundiários. A realidade do campo se apresenta dura e violenta: a cada ano morrem quase 200 pessoas

na luta pela terra, segundo levantamento recente.

Outras artimanhas têm sido utilizadas no combate às mudanças que a esmagadora maioria do povo pleiteia. Uma delas consistiu, por exemplo, em ameaçar os sindicatos urbanos e rurais para que não comparecessem às manifestações em prol da Reforma Agrária.

PASSANDO À FRENTE

"A reforma agrária é inadiável", assegurava o presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado de São Paulo, Roberto Horiguti, ao acompanhar a passeata de cerca de 3 mil pessoas pelo centro da cidade após o ato do dia 26 de julho. Para ele a manifestação era a prova inequívoca da unidade dos trabalhadores do campo e da cidade.

Participando do ato realizado em São Paulo, José Francisco da Silva, presidente da Contag — Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, considerou importante o entendimento campo-cidade, "único capaz de viabilizar a reforma agrária".

"É uma bandeira de luta que não pertence somente aos trabalhadores rurais, interessa aos operários, à classe média, e à população em geral", assinalou José Francisco. Ele garantiu o apoio ao PNRA, cuja meta "é razoável, no entanto, as propostas dos trabalhadores rurais são mais amplas. Mas nós preferimos apoiar o plano e na própria aplicação ir aperfeiçoando as metas desse plano".

Confiante no rumo que a luta está tomando, um dos integrantes da Comissão de Trabalhadores Rurais de Sertãozinho, município paulista com predominância da cultura da cana-de-açúcar, bóia-fria há 5 anos, ao ser indagado sobre o envolvimento de todos os trabalhadores na questão agrária observou: "a união estava demorando a ser feita. De agora pra frente é não desanimar da luta".

Com igual disposição, 23 trabalhadores rurais de Urupês, a mais de 400 quilômetros da capital, consideraram o ato como "ponto de partida para que haja um grande movimento". O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais desse município, Adair Garcia, constatou que o entendimento de que a reforma agrária traz benefício para o campo e a cidade está ganhando força.

À frente da delegação de trabalhadores rurais de Barretos, o diretor do Sindicato, João Flávio Daveira afirmou que "o trabalhador rural, seja qual for, está entendendo que tem que haver união".

A bandeira de luta pela reforma agrária, recebeu ainda o apoio da CNTI — Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, de várias federações de trabalhadores e sindicatos, da UNE, e do delegado do Incra em São Paulo.



ISOLAR O LATIFÚNDIO

Falando para os operários têxteis, em palestra realizada no sindicato da categoria, o delegado do Incra, José Eli Veiga, sustentou que para a reforma agrária acontecer será necessário o isolamento político do latifúndio. Ao interpretar a reação contra o projeto, que não é anti-latifúndio, Veiga atribuiu a situação à mentalidade de concentrar terra, mesmo que não esteja cumprindo qualquer função social. E apontou alguns problemas decorrentes da concentração fundiária:

É responsável pelo êxodo rural — Ele informou que 1,2 milhão de pessoas saem do campo para a cidade por ano. Para que houvesse absorção dessa mão-de-obra a economia brasileira deveria gerar quase 400 mil empregos por ano. Contudo, só em raros períodos de sua história houve essa taxa. E isso sem falar nos que se encontram na periferia dos grandes centros à procura de emprego. No fi-

nal, o que se tem é o clima de violência que domina a cidade.

A produção de alimentos caiu — Entre 1977 e 1983, a produção de alimentos, per capita, caiu 25%.

Jovens subnutridos — Todo ano 1,5 milhão de jovens se apresentam para o serviço militar. Desses, 750 mil são rejeitados por subnutrição, sendo que 1/3 deles não têm a mínima possibilidade de recuperação nem com tratamento intensivo. Isso levando em conta os que conseguem sobreviver até os 18 anos.

Conforme dados do IBGE, o Brasil tem 850 milhões de hectares, sendo que 567 milhões são ocupados por imóveis rurais. Desses 567 milhões, 409 milhões são latifúndios, sendo que metade deles nada produz.

O PNRA prevê a distribuição paulatina de 130 milhões de hectares ociosos, sendo que neste e no próximo ano, cerca de cem mil famílias serão assentadas.

GRANDE ESPERANÇA

"Se a reforma vier, volto para o campo e vou plantar". Esta afirmação é de uma das manifestantes que portava uma faixa no dia 26 de julho, ao ser questionada sobre o significado da luta para ela, que deixou a lavoura há 40 anos para morar na periferia. Outro relato fala da existência de uma "Associação da Reforma Agrária", em São Miguel Paulista, antes do golpe de 64. "Nós batalhámos para ter terra no Vale do Ribeira. Se conseguir agora, vou plantar", disse um trabalhador.

Nos congressos de luta contra a carestia, realizados há anos atrás, nas reuniões de sociedades de amigos, nos congressos sindicais urbanos, a questão da reforma agrária é uma bandeira que sempre marca presença. É como avalia Antônio Almeida Soares — Tom, membro do Centro de Estudos Sindicais.

Considerando o plano como uma pequena resposta a essa grande aspiração, porque é o próprio limite do Estatuto da Terra, Tom diz que, apesar disso, o PNRA começou a "mexer na ferida". "Estão aí as reações dos latifundiários. Isso para o movimento pró-reforma agrária se transforma num "gancho" importante para retomar com mais combatividade e com mais união de forças a batalha pela reforma agrária", assegura ele.

Tom assinala ainda que "a frente de luta pela reforma agrária tem que ser ampliada, com sindicatos rurais e urbanos, movimentos populares dos grandes centros e do Interior e todas as forças democráticas e progressistas, e apoiado nas amplas massas". Fazer manifestações, ter organização para ter terra, garantir os que estão na terra — é nessas

três condições que se pode resumir o sentido da luta travada hoje.

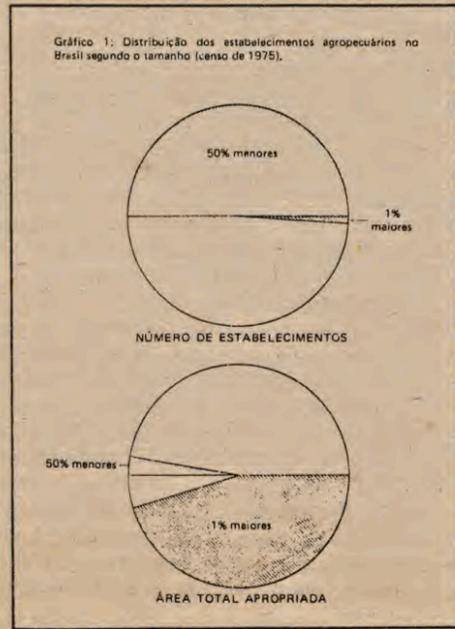
OS LIMITES

O PNRA dá início ao processo. Mas traz em seu bojo, por vezes, armas que vão emperrar a reforma. Pode-se apontar, por exemplo, a questão da empresa rural. Tom exemplifica: "um latifundiário consegue jogar uma artimanha — arar a terra. Então vai transformar a sua propriedade em empresa rural, e o Governo não vai desapropriar...".

Há ainda outro limite, que diz respeito ao número de famílias a serem assentadas — 1,4 milhão num espaço de 4 anos. "Mas o processo que está se dando no campo — observa Tom — é que permanece a possibilidade de concentração de terras por parte dos latifundiários. Isso significa que milhões de famílias ficarão sem terra, num ciclo vicioso. E isso se agrava também com o surgimento dos desempregados rurais, com a implantação de maquinaria no campo".

Um outro aspecto levantado: o problema do incentivo à produção para o mercado interno. "Para implantar as famílias e dar incentivo, desenvolver uma política para o mercado interno e produção de alimentos, precisamos de muito dinheiro. E como fazer isso se nosso dinheiro vai para pagar a dívida externa?", questiona ele. Para haver coerência, Tom chama atenção para a necessidade de suspensão do pagamento da dívida externa, pois parte desse dinheiro que vai para fora, poderia ser destinada à reforma agrária e ao incentivo à produção.

Gráfico 1: Distribuição dos estabelecimentos agropecuários no Brasil segundo o tamanho (censo de 1975).



HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO A GREVE É UM COMBATE

O proletariado brasileiro já tem um passado de lutas suficientemente rico e glorioso. As primeiras grandes greves nacionais nasceram no começo do século com o início mesmo do processo de industrialização do país. Neste artigo, o camarada João Amazonas analisa o grande movimento grevista de 1953, que começou razoavelmente pequeno, mas foi galvanizando as massas trabalhadoras de São Paulo e se transformou numa greve geral longa e, no final, vitoriosa. A republicação dessa análise, serve não só para nos mostrar o quanto a classe operária já lutou e evoluiu em nosso país, como também para demonstrar a oportunistas de toda ordem, que a classe operária aprende e avança sempre no sentido de se unificar e de adquirir maior consciência de classe e de luta. Aos oportunistas de esquerda, fica demonstrado que a combatividade e o nível de organização da classe operária brasileira não nasceram agora e nem são inéditos. Aos de direita, que não houve desarticulação da classe operária e nem seu ímpeto de luta esmoreceu.

Em fins de março e durante o mês de abril, o proletariado de São Paulo — o maior centro industrial da América do Sul — ergueu-se em poderosas greves. Estas greves, travadas sob a bandeira da luta por melhores condições de vida, pelos direitos sindicais, a paz e as liberdades democráticas, assinalam um dos acontecimentos mais importantes do movimento operário do Brasil. Mobilizaram 300.000 grevistas que, com suas famílias, perfazem o total de cerca de um milhão de pessoas. As greves duraram quase um mês e terminaram com significativa vitória do proletariado.

Qual a origem dessas greves? Como lutaram os trabalhadores? Que experiências elas nos trazem?

A SITUAÇÃO EM QUE VIVE O PROLETARIADO BRASILEIRO

É bastante dura a situação da classe operária do Brasil.

O imperialismo americano, em busca do lucro máximo, escraviza e pilha cada vez mais o Brasil. Apoiando-se no governo de Vargas, que executa obediente as suas ordens, os monopolistas ianques ditam ao Brasil a política que convém aos seus interesses. Impõem tratados militares, monopolizam o comércio exterior, obrigam a realização de enormes despesas de guerra e à militarização, restringem a importação de máquinas e matérias primas destinadas à indústria nacional, apossam-se das riquezas naturais do país.

A consequência dessa dominação americana, que se faz em aliança com os latifundiários brasileiros, é o agravamento ininterrupto das condições de vida do povo do Brasil e, em particular, da classe operária. Quase diariamente sobem os preços dos gêneros de primeira necessidade. Nos dois últimos meses, o arroz e o feijão, base da alimentação popular, duplicaram os preços. A habitação transforma-se num grave problema. O aluguel de casa pequena e sem conforto algum, no mais distante subúrbio das grandes cidades, custa quase tanto quanto ganha um trabalhador em um mês. O preço dos transportes urbanos é elevadíssimo. Um operário gasta de 5 a 10 por cento de seu salário somente com as despesas de transporte. Qualquer medicamento de certa eficiência custa o correspondente a um ou dois dias de salário, e isso num país onde as doenças são males permanentes nos lares proletários, devido às péssimas condições de vida existentes.

Além disso, intensifica-se no país a exploração da classe operária e suas conquistas sociais são anuladas. A jornada de 8 horas praticamente não existe mais: para viver o operário tem que trabalhar de

12 a 16 horas por dia. Novos métodos de intensificação do trabalho são adotados. Na fábrica Votorantin, em São Paulo, por exemplo, onde trabalham 5.000 operários, um grupo de quatro operários realiza hoje o serviço que vinte operários realizavam há dois anos passados. Introduz-se em larga escala o sistema de multas sobre os salários, sob o pretexto da assiduidade ao serviço. A menor falta ao trabalho é punida com o desconto de um dia de salário. Os defeitos de fabricação são descontados também nos salários.

Para agravar ainda mais a situação do proletariado, desde há algum tempo foi estabelecido, em São Paulo e na Capital da República (Rio de Janeiro), o racionamento da energia elétrica fornecida às indústrias. A produção dessa energia é monopolizada pelo consórcio americano-canadense Light & Power, diretamente interessado em frear o desenvolvimento da indústria nacional. Cresce assim, o desemprego parcial.

A vida da classe operária, em tais circunstâncias, torna-se insuportável. É natural que a revolta e o ódio contra esse estado de coisas cresçam sem cessar entre os trabalhadores. Dessa situação decorrem as greves que dia a dia vêm se avolumando no país.

UM MOVIMENTO PODEROSO, AS GREVES DE SÃO PAULO

Desde há alguns meses, importantes setores da classe operária em São Paulo vinham levantando suas reivindicações e preparando suas lutas.

Em março último, depois de esgotados outros recursos, o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de São Paulo declarou greve, pleiteando aumento de salários, medidas contra a carestia de vida e contra o racionamento da energia elétrica. Aderiram à greve cerca de 100.000 operários têxteis. No dia seguinte, a exemplo dos têxteis, o Sindicato dos Metalúrgicos declarou também a greve, reivindicando Cr\$ 800,00 de aumento de salários (cerca de 35 por cento sobre os salários em vigor). Setenta mil metalúrgicos responderam ao apelo grevista dos sindicatos. Compreendendo a situação favorável que se criara, o Sindicato dos Marceneiros recorreu igualmente à greve pela satisfação das reivindicações de aumento de salários que vinha pleiteando. Trinta mil marceneiros e carpinteiros paralisaram o trabalho. Mais tarde entraram em greve dois outros sindicatos: o dos vidreiros, reclamando um aumento de salários que ia de 23 a 60 por cento, e o dos operários das indústrias gráficas, reclamando 90 por cento de aumento sobre os salários de 1949.

Os trabalhadores de muitas grandes empresas, pertencentes a outros ramos de produção, entraram também em greve, passando por cima das diretorias de seus sindicatos compostas de elementos traidores que tudo fizeram para frear a luta do proletariado. Neste caso estão a fábrica de bebidas Brahma, com 800 operários; a fábrica de brinquedos Estrela, com 1.800 operários; a fábrica de chapéus Ramenzoni, com 1.500 operários; a fábrica de papel e papelão Leon Fefer, com 1.000 operários; e muitas outras, todas exigindo reajustamento de salários.

Seguindo o exemplo da cidade de São Paulo, entraram em greve os operários das cidades industriais vizinhas. Diversas empresas com mais de 500 operários das cidades de Sorocaba, Jundiá e Santo André paralisaram o trabalho reclamando melhores salários.

A greve dos trabalhadores de São Paulo assumiu, assim, gigantescas proporções, paralisando ramos importantes da produção industrial e transformando-se num movimento poderoso da classe operária.

PARA VENCER: DURA LUTA

O movimento grevista de São Paulo não decorreu calmamente. Dura e heroica batalha de classe tiveram que travar os operários de São Paulo.

Tentando amedrontar o proletariado e impedir a extensão da greve, a reação governamental atacou furiosamente os grevistas. Em cada grande fábrica, a paralisação do trabalho era uma batalha. Eis como uma operária da fábrica Maria Angela (1.600 operários) relata a paralisação do trabalho nessa empresa:

"As 12 horas saímos para o almoço, sem os aventais de trabalho, dispostas a não regressar ao serviço. Almoçamos e nos colocamos, como de costume, diante da fábrica. Chegaram nessa ocasião 8 ou 10 carros da polícia e um piquete de cavalaria. As 13 horas a fábrica tocou a sirene chamando para o reinício do trabalho. Mas nenhum operário atravessou os seus portões. Era a greve que se concretizava. Vi, então, uma cena incrível. A cavalaria caía sobre os operários de chanfalo em punho. Os policiais enlouquecidos batiam nos operários desarmados. Os carros da polícia subiam nas calçadas, jogavam os operários contra as paredes e impeliavam em direção aos portões. Os cavalaria nos invadiam os jardins das casas vizinhas para perseguir um ou outro operário que aí se refugiara. Inúmeros trabalhadores que protestavam eram arrastados para os carros da polícia. Parece que todas as fúrias do mundo haviam caído sobre as nossas cabeças. Mas não cedemos. Reagimos como pudemos. Ninguém voltou ao trabalho."

Este é um vivo e fiel relato de cenas que se repetiram em várias fábricas de São Paulo. Ai está um exemplo de como o governo de Vargas, a serviço dos imperialistas americanos e do que há de mais reacionário no Brasil, procurava impedir o movimento grevista da classe operária.

Mas não é tudo. Desde o primeiro dia de greve, a reação tomou todas as medidas para impedir que o proletariado fizesse qualquer demonstração de rua-direito democrático indispensável para reforçar a greve e fazer pressão sobre os capitalistas.

Uma demonstração pacífica de vários milhares de operários na Praça da Sé foi atacada com singular violência. A vaga humana era empurrada pela cavalaria e

por centenas de policiais que atacavam com chanfalhos e cassetetes os manifestantes. Mas, os trabalhadores não se deixavam atemorizar, reagiam, reagrupavam-se e prosseguiram nas demonstrações de protesto. Seis horas durou a luta. Outra passeata de 20 mil grevistas no bairro da Móoca, foi dissolvida a metralhadora pela polícia. Dela saíram feridos muitos operários. Do mesmo modo, quando 3.000 ferroviários da Sorocabana marchavam pelo leito da estrada em demonstrações pacíficas, foram atacados barbaramente pela polícia. Armados de pedras e paus, os operários reagiram e feriram 9 policiais. Mais de uma dezena de ferroviários foram hospitalizados. A reação atacava também os grupos de solidariedade que percorriam a cidade, recolhendo auxílio para os grevistas.

Para se ter uma idéia da violência policial empregada contra os operários é suficiente dizer que, durante o período da greve, foram detidos (e depois libertados por pressões das massas) cerca de 2.000 grevistas. Centenas de operários, homens e mulheres, foram barbaramente espancados pela polícia.

Os trabalhadores, porém, não se deixaram abater. Respondiam à violência com a extensão da greve e com a luta de massas pelos seus direitos. Desde o primeiro momento a greve tomou um caráter de luta não apenas pelas reivindicações econômicas, mas também em defesa das liberdades democráticas e dos direitos sindicais, contra a política reacionária do governo de Vargas.

O emprego da violência foi apenas uma parte da luta contra os operários. Os capitalistas utilizaram também uma série de manobras divisionistas, visando enfraquecer e derrotar a greve. Eles indicaram o governador de São Paulo como mediador, dizendo-se dispostos a iniciar as negociações para pôr termo à greve. Alegando que as negociações para a cessação da greve já estavam em curso, os capitalistas colocaram grandes cartazes nas fábricas convidando os operários a regressarem ao serviço, comprometendo-se eles a pagar o aumento que ficasse decidido nas negociações. Ou então, concediam imediatamente um pequeno aumento de 10 ou 15 por cento nos salários para que os operários voltassem ao trabalho, prometendo igualmente elevar esse aumento ao nível do que ficasse resolvido nas negociações. Com isso os capitalistas tinham em vista enfraquecer a pressão sobre eles exercida por centenas de milhares de grevistas, dividir os operários e reduzir, assim, ao mínimo, a conquista dos trabalhadores.

Aliados aos patrões e ao governo, atuaram os divisionistas da C.I.O.S.L. no país. Seus mais categorizados representantes, os "pelegos" Sanches Durães, Holanda Cavalcanti e outros condenaram publicamente as greves, tachando-as de agitação extremista. Justificavam cinicamente a repressão policial contra os operários proclamando que os choques com a reação eram devidos ao ato de os operários se insurgirem contra as proibições e restrições impostas pelo governo. Eles pregavam a volta ao trabalho para que a solução do conflito entre operários e patrões se processasse "pacificamente". Chegaram mesmo a promover reuniões com os patrões, falando em nome dos operários, para criar confusão e ver se atraíam a atenção dos grevistas ou, ao menos, se conseguiam arrastar a parte

mais atrasada das massas. Esses elementos ficaram isolados. O proletariado virou-lhes as costas, desmascarou-os como traidores.

Todas essas manobras falharam. Falharam as medidas de repressão policial que visavam amedrontar o proletariado e circunscrever ao mínimo a greve. Falharam as manobras patronais que buscavam dividir os operários. Falharam os maneios cínicos dos representantes da C.I.O.S.L., os agentes descarados dos patrões.

Guiado pelos elementos mais esclarecidos e experientes da classe operária, especialmente pelos dirigentes da C.T.B. (Confederação dos Trabalhadores do Brasil, filiado à C.T.A.L. e à F.S.M.), o proletariado de São Paulo marchou firme pelo caminho da unidade e da luta.

AS CONQUISTAS OBTIDAS NA GREVE

Após 28 dias de greve e de luta diária contra as forças da reação, os operários conseguiram importantes vitórias.

Os têxteis, os metalúrgicos, os marceneiros e vidreiros obtiveram 32 por cento de aumento dos salários, conquistando os gráficos 75 por cento sobre os salários de 1949. Os trabalhadores de várias empresas de outras profissões conquistaram aumentos entre 15 e 32 por cento.

Como resultado da luta do proletariado, o governo foi obrigado a baixar os preços de alguns artigos de consumo popular, como o arroz e o feijão.

No acordo final foi estabelecido que nenhuma perseguição seria feita aos grevistas. Inúmeras empresas foram obrigadas a pagar, total ou parcialmente, os dias de greve.

Os trabalhadores de São Paulo obtiveram ainda importante vitória política ao impôr e conseguir a libertação dos grevistas presos.

Após ter sido conseguida a reivindicação econômica, o proletariado exigiu como condição para a volta ao trabalho a libertação de dezenas de seus companheiros detidos, entre os quais alguns dirigentes da greve. Supondo que a greve pela libertação dos presos fracassaria, depois da conquista das reivindicações econômicas, o governo opôs-se, a princípio, à exigência do proletariado. Mas por fim teve que ceder. Ainda mais poderosa e firme se tornou a greve contra o governo, pela liberdade dos presos. Centenas de milhares de operários, demonstrando elevada consciência proletária, clamavam por toda parte: "Liberdade para nossos irmãos. Só voltaremos ao trabalho com os nossos companheiros em liberdade". Dentro de 48 horas, o governo não teve outro recurso senão pôr em liberdade os presos grevistas. Isto constituiu grande vitória do proletariado, demonstração prática do que podem a sua luta e a sua unidade.

Ao mesmo tempo que lutavam pela liberdade de seus companheiros presos, os grevistas de São Paulo aprovaram calorosa moção pela liberdade de Lopes Raimundo, dirigente das greves de Barcelona, encarcerado pelo governo de Franco.

Estabelecendo uma justa relação entre a política de guerra do governo de Vargas e as crescentes dificuldades que enfrentam os operários, em gigantesca assembleia conjunta os grevistas votaram enérgica moção de repúdio ao Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, — "acordo de guerra e contrário aos interesses do Brasil" —, reclamando do governo e do Senado a sua não ratificação.

UNIDADE DE AÇÃO, UM FATO DA VITÓRIA

Como foi possível a vitória dos trabalhadores? De que modo puderam eles conduzir à derrota o governo e os patrões?

A vitória da greve está ligada às forças poderosas que mobilizou. O fato de terem entrado em greve, ao mesmo tempo, vários setores do proletariado, centenas de milhares de trabalhadores, tornou o movimento grevista bastante forte e criou as condições para as conquistas obtidas. Mas isso não explica tudo.

A experiência fundamental a tirar destas greves é que a vitória foi possível devido à unidade de ação realizada pelos trabalhadores. Nas greves de São Paulo, comprovou-se plena e irrefutavelmente a justeza da tática pregada e defendida pela F.S.M., demonstra-se que a unidade de ação é o caminho seguro para o proletariado obter reivindicações e derrotar a ofensiva do capital e a política dos governos reacionários e ditatoriais.

Já em 1951, os operários têxteis de São Paulo e também os metalúrgicos entraram em greve. No entanto, poucos êxitos foram obtidos. Isto se deve a que os operários, em cada setor, não souberam unir suas forças, atuaram ainda divididos. Desta vez, à base da experiência e do trabalho de esclarecimento realizado pelo C.T.B. (filial à F.S.M.), os trabalhadores seguiram outro caminho: o caminho da unidade de ação.

Pode-se afirmar que o passo mais importante dado na greve de março e abril de 1953 foi o de terem os quatro principais sindicatos que dela participaram unificado suas reivindicações e estabelecido entre si um pacto de ação comum. O fato de, no Brasil, serem os sindicatos proibidos de agrupar-se numa central única, nacionalmente ou mesmo numa região dificulta enormemente a condução das lutas. Com a adoção daquela medida, essas dificuldades foram superadas.

O Pacto de Unidade firmado pelos têxteis, metalúrgicos, marceneiros e vidreiros, ao qual aderiram outros setores, estabeleceu o seguinte programa:

1) Reivindicação única de 32 por cento de aumento de salários;

2) Nenhum dos setores em greve voltaria ao trabalho enquanto não fossem satisfeitas as reivindicações dos demais setores;

3) Luta contra a carestia de vida e o racionamento de energia elétrica.

Este Pacto de Unidade foi defendido e aprovado entusiasticamente pelas massas. Sua idéia penetrou profundamente na consciência dos grevistas. Ele multiplicou a força dos trabalhadores. Diante dos patrões e do governo não apareciam mais setores isolados do proletariado, mas uma força unida de 300.000 grevistas. O Pacto de Unidade fez fracassar todas as manobras patronais e de seus agentes que tentavam dividir o proletariado.

Esse Pacto de Unidade refletia a unidade de ação estabelecida principalmente pela base, apesar das várias tendências existentes no movimento sindical: comunistas, ministerialistas, trabalhistas, católicos, etc., uniam-se para a luta comum, confundiam-se nessa luta, realizavam juntos suas ações de massa e pressionavam juntos os dirigentes vacilantes. Assim, os grevistas fortaleceram suas fileiras, assim marcharam para a vitória.

Não se pode dizer que não surgiram divergências quanto à forma de conduzir a luta. Os elementos reformistas, por exemplo, não queriam as ações de rua. Mas estas divergências se solucionavam no próprio curso luta: as massas aceitavam e defendiam proposições das quais já estavam convencidas e obrigavam a sua aplicação. Nesse processo desmascaravam os inimigos de massa e o partido operário grevista que não tenha saído da luta com a consciência de que a vitória obtida se deve, antes e acima de tudo, à unidade.

Mas a unidade de ação tem também

seus efeitos de longo alcance. Ela contribui para forjar o sentimento de unidade do proletariado como classe. A massa operária saiu da greve com um sentimento novo. Após a greve, abraçavam-se os operários, em cada fábrica, como irmãos. Eles que trabalhavam juntos não se haviam conhecido ainda. Os têxteis, metalúrgicos, marceneiros, vidreiros e outros que se confundiram na ação, agora se sentem mais perto uns dos outros, parece que os operários descobriram-se a si mesmos. Na realidade, o que descobriram foi a sua força, onde se encontrava a sua força. "Se não conseguimos melhor resultado — dizem os trabalhadores — é porque não estivemos bastante unidos". Indiscutivelmente, com a unidade de ação reforça-se entre os operários a consciência da necessidade de sua união permanente.

Outra experiência a ser ressaltada nas greves de São Paulo é a forma pela qual foi conseguida tão extensa paralisação do trabalho. O número de trabalhadores sindicalizados no Brasil é relativamente pequeno (dos 100.000 têxteis de São Paulo, somente 44.000 são sindicalizados) e é fraca a vida sindical, devido às restrições policiais do governo de Vargas. Em tais condições, como foi possível atingir a grande parte da massa não sindicalizada?

Isto foi possível graças à iniciativa das próprias massas. Elas se apoderaram da decisão do sindicato que determinara a greve e tomaram essa decisão em suas próprias mãos. Assim, ao paralisarem o trabalho numa fábrica, os operários saíam em passeata e se dirigiam a outras fábricas vizinhas. Iam comunicar a decisão do sindicato e pedir a cessação do trabalho. Os grevistas colocavam-se diante da fábrica e reclamavam a presença dos trabalhadores. Em alguns casos conseguiram penetrar nas fábricas. Falavam com os operários, explicavam porque era necessário uma paralisação geral do trabalho. A multidão repetia em coro: "greve, greve, greve". Paravam as máquinas e os trabalhadores vinham à rua.

Estabelecia-se um ambiente de larga confraternização operária. Palmas e saudações, os operários abraçavam-se. A massa dessa nova fábrica aderiu à greve e muitas vezes, ali mesmo, tinha que travar a luta comum contra a reação.

NOVAS LUTAS SE AVIZINHAM
São estes alguns ensinamentos da grandiosa greve dos trabalhadores brasileiros. É certo que nem tudo correu às maravilhas. Houve também debilidades. Fraca, por exemplo, foi a solidariedade. A greve podia ter se estendido muito mais, em âmbito regional e nacional. Se isso tivesse ocorrido, a reação no Brasil teria sofrido um duro golpe.

Esta falta de ampliação do movimento se deve, ainda, à fraqueza orgânica do proletariado e da Confederação dos Trabalhadores do Brasil (C.T.B.), deve-se à falta de coordenação do movimento sindical.

Por outro lado, não conseguimos aliar esta luta do proletariado à luta de todo o povo contra a carestia da vida. Isto teria possibilitado um amplo movimento popular e nacional contra a política de guerra e fome do governo a serviço dos imperialistas americanos. Uma luta dessa envergadura teria abalado mais fortemente o regime de Vargas.

Muito temos ainda a fazer para superar nossas deficiências. A superação dessas deficiências é uma necessidade imediata, em vista de que novas lutas se avizinham.

Preparam-se os trabalhadores brasileiros para novas e maiores lutas. O resultado da greve de São Paulo não atende à difícil situação da classe operária. A base da experiência dessa luta, os trabalhadores reforçam sua unidade e sua organização.

Somente assim elevarão mais alto ainda a bandeira da luta pela paz, por melhores condições de vida, pelas liberdades democráticas e pela independência nacional.

* Artigo escrito pelo dirigente comunista João Amazonas em maio de 1953.

HISTÓRIA DO MOVIMENTO O A GREVE É UM COM

O proletariado brasileiro já tem um passado de lutas suficientemente rico e glorioso. As primeiras grandes greves nacionais nasceram no começo do século com o início mesmo do processo de industrialização do país. Neste artigo, o camarada João Amazonas analisa o grande movimento grevista de 1953, que começou razoavelmente pequeno, mas foi galvanizando as massas trabalhadoras de São Paulo e se transformou numa greve geral longa e, no final, vitoriosa. A republicação dessa análise, serve não só para nos mostrar o quanto a classe operária já lutou e evoluiu em nosso país, como também para demonstrar a oportunistas de toda ordem, que a classe operária aprende e avança sempre no sentido de se unificar e de adquirir maior consciência de classe e de luta. Aos oportunistas de esquerda, fica demonstrado que a combatividade e o nível de organização da classe operária brasileira não nasceram agora e nem são inéditos. Aos de direita, que não houve desarticulação da classe operária e nem seu ímpeto de luta esmoreceu.

Em fins de março e durante o mês de abril, o proletariado de São Paulo — o maior centro industrial da América do Sul — ergueu-se em poderosas greves. Estas greves, travadas sob a bandeira da luta por melhores condições de vida, pelos direitos sindicais, a paz e as liberdades democráticas, assinalam um dos acontecimentos mais importantes do movimento operário do Brasil. Mobilizaram 300.000 grevistas que, com suas famílias, perfazem o total de cerca de um milhão de pessoas. As greves duraram quase um mês e terminaram com significativa vitória do proletariado.

Qual a origem dessas greves? Como lutaram os trabalhadores? Que experiências elas nos trazem?

A SITUAÇÃO EM QUE VIVE O PROLETARIADO BRASILEIRO

É bastante dura a situação da classe operária do Brasil.

O imperialismo americano, em busca do lucro máximo, escraviza e pilha cada vez mais o Brasil. Apoiando-se no governo de Vargas, que executa obediente as suas ordens, os monopolistas ianques ditam ao Brasil a política que convém aos seus interesses. Impõem tratados militares, monopolizam o comércio exterior, obrigam a realização de enormes despesas de guerra e à militarização, restringem a importação de máquinas e matérias primas destinadas à indústria nacional, apossam-se das riquezas naturais do país.

A consequência dessa dominação americana, que se faz em aliança com os latifundiários brasileiros, é o agravamento ininterrupto das condições de vida do povo do Brasil e, em particular, da classe operária. Quase diariamente sobem os preços dos gêneros de primeira necessidade. Nos dois últimos meses, o arroz e o feijão, base da alimentação popular, duplicaram os preços. A habitação transformava-se num grave problema. O aluguel de casa pequena e sem conforto algum, no mais distante subúrbio das grandes cidades, custa quase tanto quanto ganha um trabalhador em um mês. O preço dos transportes urbanos é elevadíssimo. Um operário gasta de 5 a 10 por cento de seu salário somente com as despesas de transporte. Qualquer medicamento de certa eficiência custa o correspondente a um ou dois dias de salário, e isso num país onde as doenças são males permanentes nos lares proletários, devido às péssimas condições de vida existentes.

Além disso, intensifica-se no país a exploração da classe operária e suas conquistas sociais são anuladas. A jornada de 8 horas praticamente não existe mais: para viver o operário tem que trabalhar de

12 a 16 horas por dia. Novos métodos de intensificação do trabalho são adotados. Na fábrica Votorantin, em São Paulo, por exemplo, onde trabalham 5.000 operários, um grupo de quatro operários realiza hoje o serviço que vinte operários realizavam há dois anos passados. Introduz-se em larga escala o sistema de multas sobre os salários, sob o pretexto da assiduidade ao serviço. A menor falta ao trabalho é punida com o desconto de um dia de salário. Os defeitos de fabricação são descontados também nos salários.

Para agravar ainda mais a situação do proletariado, desde há algum tempo foi estabelecido, em São Paulo e na Capital da República (Rio de Janeiro), o racionamento da energia elétrica fornecida às indústrias. A produção dessa energia é monopolizada pelo consórcio americano-canadense Light & Power, diretamente interessado em frear o desenvolvimento da indústria nacional. Cresce assim, o desemprego parcial.

A vida da classe operária, em tais circunstâncias, torna-se insuportável. É natural que a revolta e o ódio contra esse estado de coisas cresçam sem cessar entre os trabalhadores. Dessa situação decorrem as greves que dia a dia vêm se avolumando no país.

UM MOVIMENTO PODEROSO, AS GREVES DE SÃO PAULO

Desde há alguns meses, importantes setores da classe operária em São Paulo vinham levantando suas reivindicações e preparando suas lutas.

Em março último, depois de esgotados outros recursos, o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de São Paulo declarou greve, pleiteando aumento de salários, medidas contra a carestia de vida e contra o racionamento da energia elétrica. Aderiram à greve cerca de 100.000 operários têxteis. No dia seguinte, a exemplo dos têxteis, o Sindicato dos Metalúrgicos declarou também a greve, reivindicando Cr\$ 800.00 de aumento de salários (cerca de 35 por cento sobre os salários em vigor). Setenta mil metalúrgicos responderam ao apelo grevista dos sindicatos. Compreendendo a situação favorável que se criara, o Sindicato dos Marceneiros recorreu igualmente à greve pela satisfação das reivindicações de aumento de salários que vinha pleiteando. Trinta mil marceneiros e carpinteiros paralisaram o trabalho. Mais tarde entraram em greve dois outros sindicatos: o dos vidreiros, reclamando um aumento de salários que ia de 23 a 60 por cento, e o dos operários das indústrias gráficas, reclamando 90 por cento de aumento sobre os salários de 1949.

Os trabalhadores de muitas grandes empresas, pertencentes a outros ramos de produção, entraram também em greve, passando por cima das diretorias de seus sindicatos compostas de elementos traidores que tudo fizeram para frear a luta do proletariado. Neste caso estão a fábrica de bebidas Brahma, com 800 operários; a fábrica de brinquedos Estrela, com 1.800 operários; a fábrica de chapéus Ramenzoni, com 1.500 operários; a fábrica de papel e papelão Leon Fefer, com 1.000 operários; e muitas outras, todas exigindo reajustamento de salários.

Seguindo o exemplo da cidade de São Paulo, entraram em greve os operários das cidades industriais vizinhas. Diversas empresas com mais de 500 operários das cidades de Sorocaba, Jundiá e Santo André paralisaram o trabalho reclamando melhores salários.

A greve dos trabalhadores de São Paulo assumiu, assim, gigantescas proporções, paralisando ramos importantes da produção industrial e transformando-se num movimento poderoso da classe operária.

PARA VENCER: DURA LUTA

O movimento grevista de São Paulo não decorreu calmamente. Dura e heróica batalha de classe tiveram que travar os operários de São Paulo.

Tentando amedrontar o proletariado e impedir a extensão da greve, a reação governamental atacou furiosamente os grevistas. Em cada grande fábrica, a paralisação do trabalho era uma batalha. Eis como uma operária da fábrica Maria Angela (1.600 operários) relata a paralisação do trabalho nessa empresa:

"Às 12 horas saímos para o almoço, sem os aventais de trabalho, dispostas a não regressar ao serviço. Almoçamos e nos colocamos, como de costume, diante da fábrica. Chegaram nessa ocasião 8 ou 10 carros da polícia e um piquete de cavalaria. Às 13 horas a fábrica tocou a sirene chamando para o reinício do trabalho. Mas nenhum operário atravessou os seus portões. Era a greve que se concretizava. Vi, então, uma cena incrível. A cavalaria caía sobre os operários de chanfallo em punho. Os policiais enlouquecidos batiam nos operários desarmados. Os carros da polícia subiam nas calçadas, jogavam os operários contra as paredes e impeliavam-nos em direção aos portões. Os cavalários invadiam os jardins das casas vizinhas para perseguir um ou outro operário que aí se refugiara. Inúmeros trabalhadores que protestavam eram arrastados para os carros da polícia. Parece que todas as fúrias do mundo haviam caído sobre as nossas cabeças. Mas não cedemos. Reagimos como pudemos. Ninguém voltou ao trabalho".

Este é um vivo e fiel relato de cenas que se repetiram em várias fábricas de São Paulo. Aí está um exemplo de como o governo de Vargas, a serviço dos imperialistas americanos e do que há de mais reacionário no Brasil, procurava impedir o movimento grevista da classe operária.

Mas não é tudo. Desde o primeiro dia de greve, a reação tomou todas as medidas para impedir que o proletariado fizesse qualquer demonstração de rua-direito democrático indispensável para reforçar a greve e fazer pressão sobre os capitalistas.

Uma demonstração pacífica de vários milhares de operários na Praça da Sé foi atacada com singular violência. A vaga humana era empurrada pela cavalaria e

por centenas de policiais que atacavam com chanfalhos e cassetetes os manifestantes. Mas, os trabalhadores não se deixavam atemorizar, reagiam, reagrupavam-se e prosseguiram nas demonstrações de protesto. Seis horas durou a luta. Outra passeata de 20 mil grevistas no bairro da Móoca, foi dissolvida a metralhadora pela polícia. Dela saíram feridos muitos operários. Do mesmo modo, quando 3.000 ferroviários da Sorocabana marchavam pelo leito da estrada em demonstrações pacíficas, foram atacados barbaramente pela polícia. Armados de pedras e paus, os operários reagiram e feriram 9 policiais. Mais de uma dezena de ferroviários foram hospitalizados. A reação atacava também os grupos de solidariedade que percorriam a cidade, recolhendo auxílio para os grevistas.

Para se ter uma idéia da violência policial empregada contra os operários é suficiente dizer que, durante o período da greve, foram detidos (e depois libertados por pressões das massas) cerca de 2.000 grevistas. Centenas de operários, homens e mulheres, foram barbaramente espancados pela polícia.

Os trabalhadores, porém, não se deixaram abater. Respondiam à violência com a extensão da greve e com a luta de massas pelos seus direitos. Desde o primeiro momento a greve tomou um caráter de luta não apenas pelas reivindicações econômicas, mas também em defesa das liberdades democráticas e dos direitos sindicais, contra a política reacionária do governo de Vargas.

O emprego da violência foi apenas uma parte da luta contra os operários. Os capitalistas utilizaram também uma série de manobras divisionistas, visando enfraquecer e derrotar a greve. Eles indicaram o governador de São Paulo como mediador, dizendo-se dispostos a iniciar as negociações para pôr termo à greve. Alegando que as negociações para a cessação da greve já estavam em curso, os capitalistas colocaram grandes cartazes nas fábricas convidando os operários a regressarem ao serviço, comprometendo-se eles a pagar o aumento que ficasse decidido nas negociações. Ou então, concediam imediatamente um pequeno aumento de 10 ou 15 por cento nos salários para que os operários voltassem ao trabalho, prometendo igualmente elevar esse aumento ao nível do que ficasse resolvido nas negociações. Com isso os capitalistas tinham em vista enfraquecer a pressão sobre eles exercida por centenas de milhares de grevistas, dividir os operários e reduzir, assim, ao mínimo, a conquista dos trabalhadores.

Aliados aos patrões e ao governo, atuaram os divisionistas da C.I.O.S.L. no país. Seus mais categorizados representantes, os "pelegos" Sanches Durães, Holanda Cavalcanti e outros condenaram publicamente as greves, tachando-as de agitação extremista. Justificavam cinicamente a repressão policial contra os operários proclamando que os choques com a reação eram devidos ao ato de os operários se insurgirem contra as proibições e restrições impostas pelo governo. Eles pregavam a volta ao trabalho para que a solução do conflito entre operários e patrões se processasse "pacificamente". Chegaram mesmo a promover reuniões com os patrões, falando em nome dos operários, para criar confusão e ver se atraíam a atenção dos grevistas ou, ao menos, se conseguiam arrastar a parte

mais
tos
virou
mo t
To
ram a
visav
cunsc
as ma
vidir
cinico
os ag
Gu
dos e
cialm
(Con
Brasi
prole
pelo
A
Ap
contr
conse
Os
rios e
aume
gráfico
1949.
sas de
mento
Co
do, o
preço
pular
No
nhum
tas. I
a pag
greve.
Os
ram a
impôr
tas pr
Ap
ção e
mo co
bertac
detido
da gre
tação
conqu
o gov
cia do
ceder.
nou a
dade o
operá
cienci
parte:
voltar
compa
48 ho
so ser
vistas.
prolet
que p
Ao
berda
grevis
sa mo
mund
na, en
Esta
a polí
e as cr
os op
conju
moção
Brasil
guerra
Brasil
Senad

OPERÁRIO LUTA COMBATE

João Amazonas

atrasada das massas. Esses elementos ficaram isolados. O proletariado, pelas costas, desmascarou-os coaidores.

Essas manobras falharam. Falhas medidas de repressão policial que amedrontar o proletariado e circunver ao mínimo a greve. Falharam manobras patronais que buscavam dios operários. Falharam os manejos dos representantes da C.I.O.S.L., mentes descarados dos patrões.

Adoado pelos elementos mais esclarecidos e experientes da classe operária, especialmente pelos dirigentes da C.T.B. (Confederação dos Trabalhadores do Brasil, filiado à C.T.A.L. e à F.S.M.), o movimento de São Paulo marchou firme e determinado na unidade e na luta.

CONQUISTAS OBTIDAS NA GREVE

Em 28 dias de greve e de luta diária, as forças da reação, os operários conseguiram importantes vitórias.

Os têxteis, os metalúrgicos, os marceneiros e vidreiros obtiveram 32 por cento de aumento dos salários, conquistando os operários 75 por cento sobre os salários de antes. Os trabalhadores de várias outras profissões conquistaram aumentos entre 15 e 32 por cento.

Como resultado da luta do proletariado, o governo foi obrigado a baixar os preços de alguns artigos de consumo como o arroz e o feijão.

O acordo final foi estabelecido que nenhuma perseguição seria feita aos grevistas. Muitas empresas foram obrigadas a trabalhar, total ou parcialmente, os dias de greve.

Os trabalhadores de São Paulo obtiveram uma importante vitória política ao conseguirem a libertação dos grevistas presos.

Como resultado da reivindicação econômica, o proletariado exigiu condições para a volta ao trabalho a partir de dezenas de seus companheiros presos, entre os quais alguns dirigentes sindicais. Supondo que a greve pela liberdade dos presos fracassaria, depois da libertação das reivindicações econômicas, o governo opôs-se, a princípio, à exigência de libertação do proletariado. Mas por fim teve que aceitar.

Ainda mais poderosa e firme se tornou a greve contra o governo, pela libertação dos presos. Centenas de milhares de operários, clamavam por toda a cidade: "Liberdade para nossos irmãos. Só temos ao trabalho com os nossos irmãos em liberdade". Dentro de pouco tempo, o governo não teve outro recurso senão pôr em liberdade os presos grevistas. Isto constituiu grande vitória do movimento, demonstração prática do poder da sua luta e a sua unidade.

Assim mesmo tempo que lutavam pela libertação de seus companheiros presos, os operários de São Paulo aprovaram calorosamente a liberdade de Lopes Rainha, dirigente das greves de Barcelona, encarcerado pelo governo de Franco, estabelecendo uma justa relação entre a luta de guerra do governo de Vargas e as dificuldades que enfrentam os operários, em gigantesca assembléia convocada os grevistas votaram enérgica e repúdio ao Acordo Militar com os Estados Unidos, — "acordo de colaboração e contrário aos interesses do povo brasileiro", reclamando do governo e do imperialismo americano.

Essas conquistas decorrem da luta de um desses setores do proletariado, mas é evidente que a greve de São Paulo atuou como fator importante para a vitória imediata de suas reivindicações.

Ainda um fato significativo: o governo do Sr. Vargas intervém freqüentemente nos sindicatos, substituindo suas diretorias quando estas contrariam determinações do Ministério do Trabalho. No decorrer da greve de São Paulo, o governo decretou a intervenção no Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Recife, que agrupam 20.000 operários. O motivo da intervenção fora ter o presidente desse sindicato participado por determinação da assembléia, no IV Congresso da C.T.A.L., que se realizou no Chile. Ao tomar conhecimento dessa medida arbitrária, o sindicato realizou uma assembléia e exigiu o cancelamento da medida do governo, sob pena de entrar em greve dentro de 48 horas. Também aí, temendo a extensão da greve de São Paulo, o governo se viu obrigado a recuar e a cancelar a intervenção no Sindicato dos Têxteis de Recife.

Por tudo isso, as greves de São Paulo constituíram uma grande e significativa vitória do movimento operário brasileiro e do movimento democrático em geral, que se desenvolve no país. Elas fizeram tremar as forças da reação. Abalaram o regime de Vargas, regime dos latifundiários e grandes capitalistas, serviais do imperialismo americano.

Essa vitória da greve é também o reforço das organizações sindicais do proletariado. De 27.000 associados, o Sindicato dos Metalúrgicos passou a ter 36.000. O Sindicato dos Têxteis aumentou igualmente o seu quadro social. No decorrer da greve foram criadas cerca de 500 comissões de empresa e Conselhos Sindicais.

A vitória da greve não se circunscreve, porém, aos que dela participaram diretamente. Por sua envergadura, foi ao mesmo tempo um movimento de quase toda a classe operária do Brasil. Vários setores do proletariado, em escala nacional, foram beneficiados por essa greve. Até o impacto do movimento de São Paulo e temendo sua extensão e conseqüências políticas, o governo e os patrões tiveram que adotar, além dos atos de repressão, uma série de medidas defensivas e fazer mais ou menos concessões em toda parte.

Os 15.000 ferroviários da Leopoldina, que ameaçaram entrar em greve nesse período, conquistaram um aumento de Cr\$ 1.000,00 mensais em seus salários. Reivindicação idêntica e pelos mesmos motivos conquistaram os 10.000 ferroviários da Santos-Jundiaí. Os 12.000 portuários de Santos lutavam há quase dois anos para que seu salário fosse pago à base de 25 dias mensais, houvesse ou não serviço. Temendo a greve que aí se preparava, o governo concedeu essa reivindicação. Também os 6.000 portuários do Rio de Janeiro, que há 40 dias realizavam uma greve parcial pelo pagamento de um abono a que tinham direito, obtiveram êxito. A fim de que a greve parcial dos portuários não se tornasse total, o governo atendeu a reivindicação. Os operários das fábricas de artefatos de borracha de São Paulo obtiveram um reajustamento de 25 por cento nos salários e os trabalhadores em fábricas de bebidas paulistas alcançaram um aumento de 15 a 25 por cento. Os operários da General Motors conseguiram um aumento de 15 por cento.

Essas conquistas decorrem da luta de um desses setores do proletariado, mas é evidente que a greve de São Paulo atuou como fator importante para a vitória imediata de suas reivindicações.

Ainda um fato significativo: o governo do Sr. Vargas intervém freqüentemente nos sindicatos, substituindo suas diretorias quando estas contrariam determinações do Ministério do Trabalho. No decorrer da greve de São Paulo, o governo decretou a intervenção no Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Recife, que agrupam 20.000 operários. O motivo da intervenção fora ter o presidente desse sindicato participado por determinação da assembléia, no IV Congresso da C.T.A.L., que se realizou no Chile. Ao tomar conhecimento dessa medida arbitrária, o sindicato realizou uma assembléia e exigiu o cancelamento da medida do governo, sob pena de entrar em greve dentro de 48 horas. Também aí, temendo a extensão da greve de São Paulo, o governo se viu obrigado a recuar e a cancelar a intervenção no Sindicato dos Têxteis de Recife.

Por tudo isso, as greves de São Paulo constituíram uma grande e significativa vitória do movimento operário brasileiro e do movimento democrático em geral, que se desenvolve no país. Elas fizeram tremar as forças da reação. Abalaram o regime de Vargas, regime dos latifundiários e grandes capitalistas, serviais do imperialismo americano.

UNIDADE DE AÇÃO, UM FATO DA VITÓRIA

Como foi possível a vitória dos trabalhadores? De que modo puderam eles conduzir à derrota o governo e os patrões?

A vitória da greve está ligada às forças poderosas que mobilizou. O fato de terem entrado em greve, ao mesmo tempo, vários setores do proletariado, centenas de milhares de trabalhadores, tornou o movimento grevista bastante forte e criou as condições para as conquistas obtidas. Mas isso não explica tudo.

A experiência fundamental a tirar destas greves é que a vitória foi possível devido à unidade de ação realizada pelos trabalhadores. Nas greves de São Paulo, comprova-se plena e irrefutavelmente a justeza da tática pregada e defendida pela F.S.M., demonstra-se que a unidade de ação é o caminho seguro para o proletariado obter reivindicações e derrotar a ofensiva do capital e a política dos governos reacionários e ditatoriais.

Já em 1951, os operários têxteis de São Paulo e também os metalúrgicos entraram em greve. No entanto, poucos êxitos foram obtidos. Isto se deve a que os operários, em cada setor, não souberam unir suas forças, atuaram ainda divididos. Desta vez, à base da experiência e do trabalho de esclarecimento realizado pela C.T.B. (filiação à F.S.M.), os trabalhadores seguiram outro caminho: o caminho da unidade de ação.

Pode-se afirmar que o passo mais importante dado na greve de março e abril de 1953 foi o de terem os quatro principais sindicatos que dela participaram unificado suas reivindicações e estabelecido entre si um pacto de ação comum. O fato de, no Brasil, serem os sindicatos proibidos de agrupar-se numa central única, nacionalmente ou mesmo numa região dificulta enormemente a condução das lutas. Com a adoção daquela medida, essas dificuldades foram superadas.

O Pacto de Unidade firmado pelos têxteis, metalúrgicos, marceneiros e vidreiros, ao qual aderiram outros setores, estabelecia o seguinte programa:

1º) Reivindicação única de 32 por cento de aumento de salários;

2º) Nenhum dos setores em greve voltaria ao trabalho enquanto não fossem satisfeitas as reivindicações dos demais setores;

3º) Luta contra a carestia de vida e o racionamento de energia elétrica.

Este Pacto de Unidade foi defendido e aprovado entusiasticamente pelas massas. Sua idéia penetrou profundamente na consciência dos grevistas. Ele multiplicou a força dos trabalhadores. Diante dos patrões e do governo não apareciam mais setores isolados do proletariado, mas uma força unida de 300.000 grevistas. O Pacto de Unidade fez fracassar todas as manobras patronais e de seus agentes que tentavam dividir o proletariado.

Esse Pacto de Unidade refletia a unidade de ação estabelecida principalmente pela base, apesar das várias tendências existentes no movimento sindical: comunistas, ministerialistas, trabalhistas, católicos, etc., uniam-se para a luta comum, confundiam-se nessa luta, realizavam juntos suas ações de massa e pressionavam juntos os dirigentes vacilantes. Assim, os grevistas fortaleceram suas fileiras, assim marcharam para a vitória.

Não se pode dizer que não surgiram divergências quanto à forma de conduzir a luta. Os elementos reformistas, por exemplo, não queriam as ações de rua. Mas estas divergências se solucionavam no próprio curso da luta: as massas aceitavam e defendiam proposições das quais já estavam convencidas e obrigavam a sua aplicação. Nesse processo desmascaravam os inimigos da unidade. Não há operário grevista que não tenha saído da luta com a consciência de que a vitória obtida se deve, antes e acima de tudo, à unidade.

Mas a unidade de ação tem também

seus efeitos de longo alcance. Ela contribuiu para forjar o sentimento de unidade do proletariado como classe. A massa operária saiu da greve com um sentimento novo. Após a greve, abraçavam-se os operários, em cada fábrica, como irmãos. Eles que trabalhavam juntos não se haviam conhecido ainda. Os têxteis, metalúrgicos, marceneiros, vidreiros e outros que se confundiram na ação, agora se sentem mais perto uns dos outros, parece que os operários descobriram-se a si mesmos. Na realidade, o que descobriram foi a sua força, onde se encontrava a sua força. "Se não conseguimos melhor resultado — dizem os trabalhadores — é porque não estivemos bastante unidos". Indiscutivelmente, com a unidade de ação reforça-se entre os operários a consciência da necessidade de sua união permanente.

Outra experiência a ser ressaltada nas greves de São Paulo é a forma pela qual foi conseguida tão extensa paralisação do trabalho. O número de trabalhadores sindicalizados no Brasil é relativamente pequeno (dos 100.000 têxteis de São Paulo, somente 44.000 são sindicalizados) e é fraca a vida sindical, devido às restrições policiais do governo de Vargas. Em tais condições, como foi possível atingir a grande parte da massa não sindicalizada?

Isto foi possível graças à iniciativa das próprias massas. Elas se apoderaram da decisão do sindicato que determinara a greve e tomaram essa decisão em suas próprias mãos. Assim, ao paralisarem o trabalho numa fábrica, os operários saíam em passeata e se dirigiam a outras fábricas vizinhas. Iam comunicar a decisão do sindicato e pedir a cessação do trabalho. Os grevistas colocavam-se diante da fábrica e reclamavam a presença dos trabalhadores. Em alguns casos conseguiram penetrar nas fábricas. Falavam com os operários, explicavam porque era necessário uma paralisação geral do trabalho. A multidão repetia em coro: "greve, greve, greve". Paravam as máquinas e os trabalhadores vinham à rua. Estabelecia-se um ambiente de larga confraternização operária. Palmas e saudações, os operários abraçavam-se. A massa dessa nova fábrica aderiu à greve e muitas vezes, ali mesmo, tinha que travar a luta comum contra a reação.

NOVAS LUTAS SE AVIZINHAM

São estes alguns ensinamentos da grandiosa greve dos trabalhadores brasileiros. É certo que nem tudo correu às maravilhas. Houve também debilidades. Fraca, por exemplo, foi a solidariedade. A greve podia ter se estendido muito mais, em âmbito regional e nacional. Se isso tivesse ocorrido, a reação no Brasil teria sofrido um duro golpe.

Esta falta de ampliação do movimento se deve, ainda, à fraqueza orgânica do proletariado e da Confederação dos Trabalhadores do Brasil (C.T.B.), deve-se à falta de coordenação do movimento sindical.

Por outro lado, não conseguimos aliar esta luta do proletariado à luta de todo o povo contra a carestia da vida. Isto teria possibilitado um amplo movimento popular e nacional contra a política de guerra e fome do governo a serviço dos imperialistas americanos. Uma luta dessa envergadura teria abalado mais fortemente o regime de Vargas.

Muito temos ainda a fazer para superar nossas deficiências. A superação dessas deficiências é uma necessidade imediata, em vista de que novas lutas se avizinham.

Preparam-se os trabalhadores brasileiros para novas e maiores lutas. O resultado da greve de São Paulo não atende à difícil situação da classe operária. À base da experiência dessa luta, os trabalhadores reforçam sua unidade e sua organização.

Somente assim elevarão mais alto ainda a bandeira da luta pela paz, por melhores condições de vida, pelas liberdades democráticas e pela independência nacional.

* Artigo escrito pelo dirigente comunista João Amazonas em maio de 1953.

Internacional

Comunista alemão visita o Brasil

A nova situação política do Brasil e a vitalidade do nosso Partido têm despertado a admiração e o entusiasmo de camaradas estrangeiros. Um militante do Partido Comunista Alemão (marxista-leninista), Bodo Gudjons, percorreu o Brasil de norte a sul durante dois meses numa viagem de caráter pessoal, em que teve a oportunidade de participar de manifestações de massa e atos organizados pelo nosso Partido. Em visita à redação de **A CLASSE OPERÁRIA**, o camarada falou-nos com entusiasmo das impressões da viagem e nos deixou por escrito um depoimento que mostra singelamente sua avaliação pessoal sobre o Brasil e em particular o PC do B.

Quando um europeu vem pela primeira vez ao Brasil defronta-se com uma variedade de impressões das mais diversas. Naturalmente, como turista, visita as belezas naturais e rapidamente observa que as dimensões do país, as distâncias, diferem muito da Europa, e fica com a impressão de que a maneira de viver é mais dinâmica, multicor...

Mas, quando não visita o país apenas como turista, desde o primeiro momento observa também as profundas contradições sociais. De um lado, nas praias do Rio e de outras cidades ou nos bairros dos ricos há um luxo inacreditável, de outro lado, nas ruas das cidades sobretudo do Nordeste ou nas favelas vê-se muita pobreza e miséria.

A vida política, depois do fim do regime militar, parece mais viva, por toda a parte realizam-se comícios e reuniões, por toda a parte discutem-se os proble-

mas do país e — ao que parece — não apenas pelos "especialistas", pelos políticos, mas pelo próprio povo. A campanha para as eleições de novembro envolveu camadas amplas da população, enquanto que fortalece-se a cada dia a luta pela consolidação da Nova República, pela ampliação dos direitos políticos e sociais do povo, pela Reforma Agrária. Ao mesmo tempo, o povo e o movimento democrático unem-se para se opor às exigências escravizantes do capital estrangeiro e sobretudo do FMI.

Durante minha visita nesses dois meses tive a oportunidade de participar de alguns comícios da classe operária e de outras camadas: por exemplo, do comício dos metalúrgicos no Rio ou da manifestação de protesto dos bancários em Salvador. Mas de maneira especial me impressionaram as atividades dos cama-

radados do PC do B de que pude participar: a inauguração do curso da escola do Partido, a festa de inauguração da sede do Comitê Regional do Partido em Porto Alegre, a Convenção do PC do B em São Paulo, pequenos comícios pelas ruas ou o trabalho cotidiano dos camaradas.

Por toda a parte no Brasil pode-se ver os cartazes ou as palavras de ordem do Partido, por toda a parte constata-se o elan e o entusiasmo dos camaradas. É um fato muito evidente que o PC do B, depois de tantos anos na ilegalidade e inclusive na profunda clandestinidade, se tornou um fator vivo e importante na vida política do país.

Não se trata de negligenciar os problemas ou as dificuldades que ainda pode haver, não se negligenciam ou embelezam as deficiências que possam haver depois de uma modificação tão importante nas condições de atuação, mas todas as forças do Partido estavam e estão reunidas para conquistar definitivamente a legalidade do Partido, para difundir as atividades e ampliar as fileiras em todo o país. Nesse particular, devemos acentuar mais uma vez as dimensões do país que de fato para os europeus são dificilmente imagináveis.

Relacionado com isso, me causou uma forte impressão a palestra pronunciada pelo camarada João Amazonas na abertura do curso da escola do Partido,

onde ele enumerou as conquistas e os sucessos alcançados pelo Partido, mas ao mesmo tempo ele apontou as grandes tarefas do futuro: o PC do B deve-se tornar um Partido de massas, inclusive de milhões, pois somente assim junto com o povo será possível resolver em definitivo os grandes problemas do país.

Pessoalmente, tive a possibilidade de aprender muito da maneira como o PC do B trata estas tarefas e como ele atua, sobretudo no que se refere à frente única do povo.

Por este motivo, devo expressar minha gratidão muito pessoal a todos os camaradas do PC do B com os quais encontrei. Eles me receberam, como um camarada dum Partido irmão de maneira extraordinariamente calorosa.

A sua luta, a luta do PC do B e de todo o povo brasileiro me alentou a continuar e fortalecer na Alemanha a luta pelos mesmos ideais, a luta contra o imperialismo alemão ocidental que agora, com o despertar político do povo brasileiro considera ameaçados os seus interesses neste país.

Estes são alguns aspectos, apenas algumas impressões que levarei comigo, mas para finalizar não poderia deixar de saudar o povo brasileiro e seu partido marxista-leninista, o PCdoB e desejar-lhes muitos êxitos no caminho em que ingressaram e nas tarefas que se apresentarão no futuro.

VIVA A NICARÁGUA ANTI IMPERIALISTA

SALVE O 6º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO SANDINISTA

Em 19 de julho de 1979 caía uma das ditaduras mais sangrentas da América Latina.

A mobilização das amplas forças populares em torno da bandeira sandinista, derrubou o regime títere de Somoza, lacaio do imperialismo yanque que, por décadas, oprimiu e explorou o povo nicaraguense.

A heróica luta da FSLN constituiu-se numa grande vitória do movimento de libertação na América Latina.

Ruiu a ditadura somozista e a Nicarágua expulsou seu secular opressor estrangeiro.

A política de banditismo de Reagan, com o bloqueio econômico, o treinamento de terroristas para agirem nas fronteiras e dentro da Nicarágua, tenta criar as condições para uma invasão militar.

Os imperialistas yanques lançaram uma campanha de propaganda para fazer crer que a Nicarágua é ameaça à América Central, buscando assim justificar sua política belicista e o inegável propósito de derrubar o governo revolucionário sandinista.

Mas toda a Nicarágua está alerta e mobilizada para fazer frente aos objetivos de Reagan.

À luta do povo nicaraguense por sua soberania soma-se a ativa solidariedade internacional.

O Partido Comunista do Brasil (PC do B) conclama o povo a cerrar fileiras contra mais esta articulação criminosa do imperialismo yanque. Devemos nos mobilizar em defesa da Nicarágua, do respeito à soberania das nações e dos princípios de não intervenção.

Impõe-se a nossa solidariedade por ser o imperialismo yanque o maior espoliador dos povos latino-americanos e da nação brasileira e o mais poderoso e insaciável explorador da classe operária.

Os povos não terão paz e liberdade sem liquidar o imperialismo.

**ABAIXO O BOICOTE À NICARÁGUA!
ABAIXO O TERRORISMO DE REAGAN!**

Mensagem aos partidos irmãos

A Direção Nacional do Partido Comunista do Brasil, em função da realização do III Congresso do Partido Comunista do Trabalho da República Dominicana

e do assassinato do camarada Baba Pour Saadat, dirigente do Partido do Trabalho do Irã, enviou a esses partidos, as seguintes mensagens:

Aos delegados ao 1º Congresso do Partido Comunista do Trabalho Santo-Domingo - República Dominicana.

O Partido Comunista do Brasil saúda com grande entusiasmo a realização do 1º Congresso do Partido Comunista do Trabalho. É importante acontecimento não apenas para o proletariado e o povo dominicano como igualmente para os marxistas-leninistas de todo o mundo.

Embora o duro golpe que sofreu o movimento comunista com o aparecimento do revisionismo em suas várias modalidades, os autênticos revolucionários, discípulos de Marx, Engels, Lênin e Stálin, souberam manter no alto a gloriosa bandeira da revolução e do socialismo, levar avante a construção da nova vida na Albânia, criar e fortalecer verdadeiros partidos da classe operária. Os camaradas da República Dominicana, ao realizar o 1º Congresso do seu Partido, juntam-se aos combatentes de vanguarda do

proletariado de todos os países e reforçam as suas fileiras.

Nós, os comunistas do Brasil, pensamos que o fortalecimento ideológico, político e orgânico dos partidos comunistas e sua transformação em grandes partidos de massa, é uma exigência da situação atual, quando se verifica a brutal ofensiva do Capital contra os trabalhadores e quando o imperialismo, em particular o norte-americano, agride e espolia os povos por toda a parte. Os comunistas estão chamados a desempenhar honrosa missão - a de esclarecer e unir as massas, levá-las à luta em defesa da liberdade e da independência nacional, pelos direitos do povo trabalhador, pela conquista do socialismo. O combate ao oportunismo de direita e de "esquerda" faz parte dessa luta.

O Partido Comunista do Brasil,

Ao Partido do Trabalho do Irã

za exemplar a bandeira da revolução e do socialismo. À frente do Partido do Trabalho do Irã desenvolveu a resistência heróica das massas populares e da classe operária ao odioso regime de Khomeini, obscurantista e inimigo do progresso social.

Pedimos que transmitam à direção do Partido irmão do Irã e a todos os comunistas desse país, assim como à família do camarada assassinado, as nossas sentidas condolências e a nossa solidariedade fraternal.

que acaba de reconquistar sua legalidade após 38 anos de vida clandestina, felicita calorosamente os camaradas dominicanos pelos êxitos que vêm alcançando, entre os quais se destaca a realização do 1º Congresso. Faz votos sinceros de que o Partido irmão vença todos os obstáculos e obtenha vitórias ainda maiores.

Viva o 1º Congresso do Partido Comunista do Trabalho!

Viva a amizade e a solidariedade fraternal entre os marxistas-leninistas do Brasil e da República Dominicana!

Viva a Albânia Socialista, porta-bandeira do Internacionalismo Proletário!

São Paulo, 27 de julho de 1985

João Amazonas

Pela direção nacional do PC do B

A causa defendida pelo camarada BABA POUR SAADAT é invencível. O sangue dos combatentes revolucionários não correrá em vão. O Irã será livre, independente, democrático e progressista!

Viva o Partido do Trabalho do Irã!

São Paulo, 25 de julho de 1985

João Amazonas

Pela Direção Nacional do Partido Comunista do Brasil

O PROGRAMA: FERRAMENTA BÁSICA

O Partido Comunista do Brasil elaborou novo programa. Este não é um acontecimento fortuito. Não se trata apenas de um documento com frases bonitas para servir de fachada. Pelo contrário, expressa a consciência coletiva da organização de vanguarda da classe operária, forjada em 63 anos de experiência na luta de classes em nosso país. Ele funde a assimilação teórica do marxismo-leninismo com a prática revolucionária dos comunistas junto aos trabalhadores e ao povo brasileiro.

O programa é o documento mais importante do Partido. Representa a síntese do pensamento de vanguarda da classe operária e sua interpretação da realidade brasileira, define os objetivos centrais da revolução nesta etapa do desenvolvimento social, tem o papel de guia para a ação política do proletariado e das massas oprimidas. O programa orienta a estratégia e a tática política dos comunistas. Como documento vivo, traça as grandes diretrizes para a etapa atual e, ao mesmo tempo, fala das aspirações diárias dos trabalhadores, entrosando-se com a vida e com a prática das massas.

A declaração programática afirma que "não se alcançará o progresso nos marcos do regime capitalista, por governos da burguesia". E indica que "não se alcançará o socialismo fugindo ao curso da vida política, mas participando ativamente de todos os movimentos democráticos, patrióticos e sociais, nas formas condizentes com os direitos e interesses das grandes massas da população". Define, por isto, uma plataforma de caráter nacional e democrático e trata inclusive de questões imediatas, em consonância com a realidade concreta do povo, como "escala móvel de salários a fim de impedir a deterioração do poder aquisitivo dos trabalhadores", "reforma urbana que assegure condições de moradia digna e acessível aos trabalhadores e as massas populares em locais saneados" e assim por diante.

ABORDAR A REVOLUÇÃO

Desta forma, o programa recém-aprovado é viável, compreensível para o povo e mobilizador. Permite de fato "abordar" a revolução, como sempre insistiram Lênin e Dimitrov.

Estas orientações não serão, todavia,

espontaneamente conhecidas e assimiladas pela classe operária e as grandes massas. Isto exige trabalho árduo, planejado e executado com minúcia e dedicação.

A começar pelos próprios militantes - e os dirigentes principalmente - não basta tomar conhecimento do texto, dar uma rápida leitura, e deixá-lo de lado em função de "coisas mais práticas". É indispensável que todos os organismos realizem um estudo cuidadoso do programa. (Seria bom ler na edição 158, de março/abril, d'A Classe Operária, o artigo **Orientações Para o Estudo**). O programa é ferramenta básica do Partido nas tarefas da revolução. Os comunistas precisam dominá-lo e manuseá-lo com segurança.

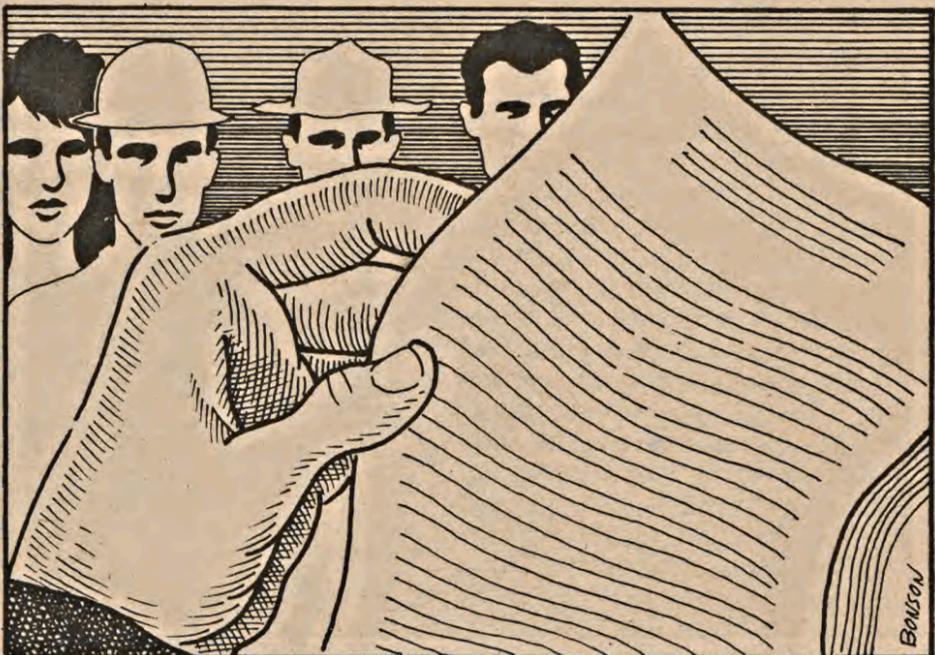
Muitos trabalhadores ingressam no Partido por seu significado prático de combate. Para que exerçam a função de militantes de vanguarda devem alicerçar este espírito de luta com a compreensão do programa e da linha política.

Engels assinala com vigor: "Em particular os dirigentes deverão instruir-se cada vez mais em todas as questões teóricas, **libertar-se cada vez mais da influência da fraseologia tradicional**, própria da antiga concepção de mundo, e ter sempre presente que o socialismo, desde que se tornou uma ciência, exige ser tratado como ciência, isto é, **ser estudado**. A consciência assim alcançada e cada vez mais lúcida deve ser **difundida entre as massas operárias com zelo cada vez maior**, deve consolidar cada vez mais fortemente a organização do Partido e dos Sindicatos..."

DIFUSÃO AMPLA DO PROGRAMA DO PARTIDO

Cada tópico do programa tem o seu significado e o conjunto compõe um todo harmônico. Sua realização "tornará viável e mais próxima a passagem do Brasil ao novo estágio do desenvolvimento social". Urge portanto, explicá-lo às grandes massas, para que elas façam de sua unidade em torno das propostas nele contidas a força capaz de romper as barreiras da opressão.

Cada organismo, em sua área de atuação deve planejar a atividade para a difusão, estudo e aplicação do programa.



Algumas idéias podem servir de roteiro para este trabalho:

1. Distribuir amplamente o programa, aos milhões, e organizar a sua discussão nas fábricas, nos bairros, nas escolas, nos sindicatos. As células precisam promover debates em grupos, com militantes e como ativistas. Devem ser realizadas conferências sobre o assunto, assim como cursos internos e públicos, para o aprofundamento do estudo. Não se justifica que, quando o Partido realiza uma ampla campanha de recrutamento, nem mesmo a reduzida tiragem inicial do programa que saiu como encarte d'A Classe Operária chegue aos combatentes do povo.

2. Traduzir os diversos pontos do programa e sua argumentação em materiais utilizados na atividade prática de massas. Jornais locais, panfletos, boletins, sem esquematismo, não podem deixar de ser influenciados pelas orientações do programa. Jornais murais com dados e explicações sobre cada item, podem provocar a discussão nas fábricas, nas escolas e nos bairros.

3. Elaborar audio-visuais tendo como roteiro o programa ou pontos específicos dele. Escrever "cartilhas" para popularização de suas idéias. Ver a possibilidade de filmes e vídeos.

4. Na campanha eleitoral para as prefeituras, é necessário ligar as questões

em debate com o programa do Partido. Os problemas da reforma urbana, da utilização dos recursos públicos para incentivar as atividades científicas e culturais, o impulso ao ensino público, tudo isto está contido no programa. A agitação de idéias coloca em pauta os rumos gerais da luta política.

5. Os generais continuam fazendo pronunciamentos, intrometendo-se na vida pública para se contrapor às mudanças. O programa trata tanto da luta por um regime efetivamente democrático como da democratização das Forças Armadas e da sua subordinação aos poderes constituídos. A resposta imediata a cada investida deve estar ligada com estas orientações gerais.

6. O Partido é legal. Nas escolas, nas instituições políticas e culturais, é possível promover estudos comparativos tendo como base os programas dos partidos. Hoje, por toda a parte discute-se a saída para retomar o desenvolvimento. É, portanto, questão candente desenvolver a argumentação do programa, aprofundar o debate em torno das soluções que ele apresenta.

7. Os parlamentares, líderes sindicais, operários, e populares, devem utilizar o programa ao elaborar seus discursos e propostas; não ficar na "fraseologia" mas fundamentar suas idéias. Particularmente no processo que se inicia, rumo à Constituinte, é da maior importância que o Partido saiba apoiar-se no seu programa ao formular indicações para a nova Carta Magna.

Em suma, a difusão do programa não pode restringir-se à agitação geral. É importante, além deste trabalho inicial, uma agitação concreta em torno de cada ponto programático, assim como da ligação do programa com a vida prática. É igualmente indispensável a propaganda, a argumentação, tanto em relação ao documento como um todo, como a cada parte. Ao lado da popularização, com instrumentos simples e de fácil assimilação, torna-se uma exigência o aprofundamento do debate, da pesquisa e do estudo para elevar a um novo patamar a compreensão teórica e a prática do Partido e das massas. Só assim o programa cumprirá efetivamente sua função de bússola e de alavanca, por um Brasil livre, progressista e socialista.

Rogério Lustosa

A leitura é indispensável

Como compreender a nossa luta, o porquê da necessidade da derrubada do capitalismo, da construção do socialismo, se não conhecermos a teoria do marxismo-leninismo, se não conhecermos o máximo possível sobre política, economia, filosofia e história?

Por isso a leitura é indispensável. São os livros que nos transmitem o conhecimento, que nos armam de sabedoria para enfrentarmos nossos inimigos. O militante comunista precisa ler, adquirir conhecimento de tudo o que se passa em sua volta e no país e ainda sobre a humanidade.

Todas as organizações de base do Partido, os diretórios distritais, municipais e regionais, devem se preocupar com essa questão e organizar jornadas de leitura, cursos e incentivar os camaradas a lerem, a adquirirem conhecimentos. Colaborando com essa campanha, **A Classe Operária**, o jornal dos comunistas, vai instituir a partir do próximo número, um concurso de leitura, que premiará os militantes que mais demonstrarem conhecimentos adquiridos pelos nossos livros, jornais e revistas.



Aprofundar o trabalho entre os jovens

José Renato Rabello

Vivemos uma fase em que o Partido amplia as suas fileiras, sendo que um contingente mais extenso filia-se às organizações partidárias. Isto contribui para uma maior ligação e influência dos comunistas junto às massas populares. Entretanto, um relacionamento mais amplo e duradouro com as massas só é possível através das suas organizações nos locais de trabalho, estudo, moradia, ou seja, nos sindicatos, entidades estudantis, associações de moradores, organizações juvenis e de mulheres. Somente assim o Partido pode atingir grande parte das massas, até suas camadas mais atrasadas.

Nas condições da sociedade capitalista, a maior parte das massas populares carece de organização sistemática, as parcelas mais atrasadas são a maioria, ao passo que, somente uma pequena parte é constituída de elementos com maior consciência política e conhecimento da realidade econômico-social ou científico-cultural. Porém, as massas atrasadas anseiam por se organizar, conhecer a realidade e participar das atividades sociais importantes. É tarefa fundamental dos elementos de vanguarda, dos comunistas, convencer os elementos atrasados, atuar entre eles, ligar-se a essas extensas camadas e não isolar-se delas. Isto é possível por meio das organizações de massa.

A subestimação da nossa atuação nessas organizações impede a ligação do Partido com as massas como um todo único, e a atuação errada conduz à transformação destas entidades em simples apêndice do Partido, onde não se reconhece sua própria independência, podendo-se levar o movimento de massas à divisão. O fortalecimento dos sindicatos e demais entidades, organizações juvenis e de mulheres, o respeito às suas decisões, o reconhecimento dos seus métodos específicos, nos permitem uma aproximação com o conjunto das massas, favorecendo o acompanhamento do seu estado de espírito, seus anseios e críticas.

É assim que os membros do Partido conseguem exercer influência, podendo empregar as mais variadas formas de persuasão para que essas organizações se aproximem, no próprio processo de luta, da linha que defendemos e aceitem voluntariamente a nossa direção política. Somente desta forma podemos atrair camadas mais amplas das massas para os objetivos maiores do Partido. É ilusão pensar que transformando as entidades de massa em simples apêndice do Partido, a influência e direção política sobre as massas estão garantidas. Agindo assim, podemos influir durante certo tempo sobre pequena parcela, mas acabamos abandonando a maioria das massas, sobretudo as insuficientemente desenvolvidas ou atrasadas, à influência de idéias retrógradas ou a líderes reacionários e populistas.

Podemos afirmar que o crescimento e ampliação das fileiras partidá-



Revista da UNE

rias propicia grandes vantagens para a ativação e o crescimento das entidades de massa. Mas, para chegarmos a resultados positivos, é preciso compreender que um meio fundamental de ligação com as amplas massas é através de suas organiza-

A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO JUVENIL

Temos reafirmado a importância destacada e a prioridade número um da nossa atuação nos sindicatos. Até conseguimos alguns êxitos, apesar de ainda termos muito que avançar. Igualmente, assume importância cada vez maior o trabalho entre os jovens.

A juventude em nosso país compõe uma enorme parcela da população, esteve presente de maneira destacada nos acontecimentos políticos mais importantes de nossa história. Tem rica tradição de luta nas campanhas democráticas e antiimperialistas. A juventude trabalhadora e intelectual no Brasil jamais se submeteu às forças da reação, resistiu com destemor à ditadura militar, sobretudo nos períodos de maior terror e obscurantismo.

Organizar a juventude de forma ampla constitui uma importante garantia para o avanço democrático e o progresso social em nosso país. Essa é uma grande tarefa para os comunistas.

O PC do Brasil tem tido influência crescente entre os jovens, são muitos os que ingressam em suas fileiras, contribuindo significativamente para a construção partidária. Porém, a organização da juventude não se restringe à filiação partidária. Atingir os jovens nas suas diversas camadas, em círculos amplos, requer uma organização própria, que lute pelos anseios e interesses específicos dos jovens.

A União da Juventude Socialista foi construída com esse objetivo, procurando aglutinar a juventude desde os 14 até os 29 anos com base nas suas reivindicações e indicando-lhe o caminho do socialismo científico. Desde então, podemos melhor al-

cançar extensas parcelas de jovens nas cidades e no interior, procurando formar vasto movimento juvenil em todo o país.

PACIÊNCIA E PERSISTÊNCIA

Mas este não é um trabalho que pode ser realizado da noite para o dia. Requer atenção sistemática, disponibilidade de alguns quadros, paciência e persistência. A partir desse tipo de organização, o Partido busca, através da persuasão, ganhar os jovens para o ideal do socialismo, recrutando para suas fileiras aqueles que já alcançaram uma compreensão mais avançada. Por outro lado, os comunistas devem levar em conta a independência dessa organização juvenil, respeitar seu Programa e Estatutos e ter em conta seus métodos próprios. Querer transformar essa organização em simples continuação do Partido ou, como agem algumas direções estaduais, interferindo diretamente como se fosse mais uma organização partidária, pode levar esta importante experiência de massa ao fracasso.

A U.J.S. em pouco tempo (9 meses) se organizou na maioria dos estados, já realizou Congresso e Encontro nacionais, editou boletins e jornais, divulgou seu Programa, Estatuto e símbolos — procurou sistematizar as grandes reivindicações dos jovens em uma campanha nacional por EMPREGO, CULTURA E ESPORTE; ganha corpo sua bandeira de voto aos 16 anos e aumenta a possibilidade de atingir sua meta de 50 mil filiados até o fim deste ano; participa das comissões de organização do Ano Internacional da Juventude e desenvolve agora a formação e consolidação dos núcleos nos bairros, empresas e escolas. Mas, apesar do grande avanço já efetuado, a U.J.S. ainda não está consolidada. Precisa atingir esta etapa. Necessita, então, de uma atenção ainda maior que no período de sua fundação.

Deste modo, temos que reforçar o trabalho dos comunistas aí e não desfaltar esta frente de luta. Senão, podemos deixar murchar uma planta que começa a florescer. Não devemos diminuir o alcance dessa impor-

tante forma de organização, temos que consolidá-la: mantendo os quadros que aí atuam, levando em conta as características específicas desse tipo de organização e só filiando ao Partido os jovens de 16 a 18 anos em casos excepcionais, conforme definem os nossos Estatutos. Os jovens até 18 anos devem, prioritariamente, e amplamente, ser filiados à organização juvenil, além daqueles acima dessa idade que simpatizem com os objetivos e ideais da União da Juventude Socialista.

NÃO SUBESTIMAR O TRABALHO ENTRE OS ESTUDANTES

Entre os jovens, importante frente em que não podemos diminuir o alcance da nossa atividade é a dos estudantes. Estes possuem longa e importante trajetória de lutas junto ao movimento popular e conquistaram desenvolvidas formas de organização. Certamente, não podemos cair na subestimação do trabalho entre os jovens operários e trabalhadores em geral na cidade e no campo. Aí se encontra a nossa prioridade maior. Porém, os estudantes, por terem um movimento organizado há bastante tempo, com variada experiência de luta e já sendo constituídos por vasto número, podem jogar o papel de força de alavanca ou ponte no trabalho de organização mais amplo entre os jovens. Os estudantes secundaristas em nosso país já chegam a quase 25 milhões, na sua maioria formados por filhos de trabalhadores e estendendo-se das cidades ao interior. Os universitários chegam a 1 milhão e 300 mil, dos quais a metade é de trabalhadores.

O nosso Partido tem tido uma influência crescente entre os estudantes, sendo estes uma fonte que gerou muitos militantes e quadros valiosos. Mas, ultimamente, o nosso Partido, em diversos Estados, tem situação na prática o trabalho entre os estudantes num plano bastante secundário, chegando mesmo em alguns locais ao abandono do seu acompanhamento e controle. Muitas vezes, os militantes estudantis são retirados do seu local de estudo para tarefas em outros setores, deixando de ser para o conjunto desses militantes a universidade ou as escolas o principal local de sua atuação. Existem casos em que se desloca para outras tarefas militantes que compõem diretorias de entidades estudantis de massa, com mandato a cumprir, para nunca mais voltar.

Estes exemplos são demonstrações da incompreensão e subestimação de uma importante frente de luta para o Partido. Torna-se necessário avaliar o nosso trabalho partidário entre os secundaristas, à luz de nossa política, definir ou consolidar a tarefa dos responsáveis por esta área, estimular o crescimento da organização juvenil entre a massa estudantil, filiar grande número dos mais avançados para o Partido e estruturar e consolidar as organizações de base partidárias. Desse modo, podemos retomar, num nível mais alto, em muitos lugares a nossa influência entre os estudantes.

Levar o partido ao povo

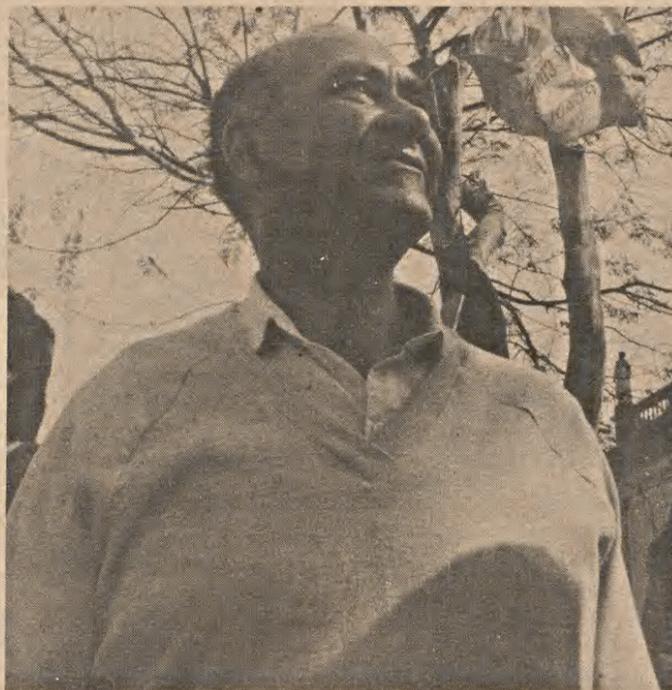
O camarada João Amazonas, quando da conquista da legalidade do PC do B em maio, disse que o partido não pode mais ser pequeno e estreito, tem que ser um partido de milhões para cumprir seu papel de transformador da sociedade brasileira. Muitos Estados estão procurando, e alguns encontrando, a forma mais prática e organizada de fazer o partido crescer e ser influente.

São Paulo tem estado, juntamente com a Bahia, Alagoas e Goiás, na vanguarda dessa grande movimentação para o crescimento do PC do B. Tanto é que no Estado de São Paulo já existem 116 comissões municipais do partido registradas e só na Capital, o PC do B está presente nos 56 distritos eleitorais. São Paulo quer chegar ao final do ano com 50 mil novos militantes. Precisamos chegar a centenas de milhares brevemente.

Num esforço real para cumprir as novas tarefas e desafios que a atual conjuntura política e a legalidade colocam diante dos comunistas, a direção regional do PC do B em São Paulo decidiu deflagrar uma ampla campanha de filiações em massa, fixando como meta o recrutamento de 50 mil novos membros até o final deste ano.

O trabalho foi dividido em duas fases, a primeira consistindo numa ampla discussão e planejamento dos objetivos, o que já foi realizado; a segunda, no lançamento público da campanha e intensificação da atividade de agitação e propaganda das idéias comunistas.

Os primeiros frutos já se fazem notar. Em pouco menos de uma semana (no período que compreende



Antigo militante reencontra o PC do B na praça.

de 17 a 21 de julho), foram realizadas mais de 400 novas filiações. Durante o lançamento da campanha no Largo 13 de Maio, região proletária de Santo Amaro, na capital, em apenas três horas 65 pessoas se filiaram ao Partido, a grande maioria constituída por operários.

“Abrimos o partido sem receio para o povo”, comentou Tarcísio, membro da direção distrital do PC do B em Santo Amaro. A acolhida não poderia ser melhor. Milhares de trabalhadores passaram pelo local onde se deu a manifestação, animada com a música de artistas locais. E, sem exceção, mostraram grande simpatia e interesse em conhecer as idéias do Partido.

Da mesma forma, iniciativas amplas como a do Largo 13 facilitam a filiação daqueles que já estão interessados na verdadeira militância proletária, a exemplo de um operário têxtil, de 32 anos, que, em entrevista à **Classe Operária**, revelou: “Eu sempre me interessei em estudar o marxismo e havia chegado à conclusão de que o PC do B é o partido da revolução e do socialismo.

Na ocasião, também reingressaram às fileiras do PC do B dois velhos militantes, o petroleiro aposentado Nelson Souza Lima, de 60 anos; e o barbeiro José Ribeiro dos Reis, 50 anos. Nelson Souza Lima entrou para o partido em 1948, “no período do Dutra, quando a gente tinha de fugir da polícia e usava nome de guerra. Com o partido na ilegalidade eu perdi os contatos que tinha em 1954, hoje estou contente de poder militar novamente pois nunca abandonei minhas idéias”. José Ribeiro dos Reis, por seu turno, explicou que “após o golpe de 64 eu tive de ficar clandestino. Retorno hoje sabendo que nós temos de fazer muitos comícios, esclarecer o povo e mudar realmente o Brasil”.

Na região de Santo Amaro, a campanha não se restringe ao ato de lançamento. As atividades no sentido de multiplicar o número de membros são constantes. Compreendem, por

exemplo, reuniões nos bairros em todos os finais de semana, quando são exaustivamente discutidos os objetivos do partido com uma média de 20 a 30 moradores de cada bairro contado e realizadas as filiações.

No distrito de Perus, na Zona Oeste da capital, não havia sequer um comunista até o dia 21 de julho quando alguns militantes resolveram fazer um trabalho de filiação e, em poucas horas, recrutaram 30 trabalhadores. Um operário do bairro, que filiou vários companheiros, ressaltou que “há muito tempo estava esperando pelo partido, que vou fazer crescer muito aqui”.

A direção regional do Partido em São Paulo vai realizar a primeira avaliação da campanha no dia 22 de setembro, quando se espera ter chegado a um total de 15 mil novos filiações. Os êxitos iniciais revelam a potencialidade de crescimento do partido e mostram a necessidade de utilizar plenamente os espaços democráticos conquistados dentro da Nova República para construir um partido de massas, de milhões, tarefa essencial para conduzir a Nação no senti-



do das mudanças profundas reclamadas pelo povo.

Outras experiências

Manhã Vermelha, em Americana, cidade industrial do interior paulista, foi a forma que os comunistas encontraram para levar o Partido às massas e recrutar operários e populares para o PCdoB. A primeira **Manhã Vermelha** ocorreu no último dia 3 e vem se repetindo todos os sábados nas praças e concentrações operárias do centro e dos bairros da cidade.

Os comunistas chegam com mesinhas, aparelhos de som, bandeiras e panfletos e começam a conchamar a massa a discutir a situação do país, os interesses do povo e da classe operária e a entrar no PC do B. Não houve uma só **Manhã Vermelha** em que não se tenha feito várias filiações.

De forma diferente, mas com o mesmo ímpeto revolucionário e audacioso, os comunistas paulistas estão fazendo campanha em Santo André, Osasco, Cubatão e outras cidades do interior e nos bairros da capital.

Neste momento em que o Partido conquista sua legalidade e as massas demonstram grande interesse de conhecer nossas propostas, os organismos distritais, municipais e regionais devem procurar formas novas de levar o partido às massas, com barracas no centro das cidades, com comitês de visitas individuais a fábricas, escolas e fazendas.

Contra o oportunismo

João Amazonas

O Trotsquismo corrente política contra-revolucionária

A atuação dos trotsquistas no PT

editora anita garibaldi

Somente
Cr\$ 1.000

Pedidos para Editora Anita Garibaldi Ltda.
Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 1511 — CEP 01317
Tel. 37-4059
São Paulo — Capital
Cheque nominal — Vale Postal ou Reembolso Postal (para pedidos acima de Cr\$ 40.000)

“Sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário”

V.I. Lênin



Leia, estude e divulgue as publicações da Editora Anita Garibaldi

- Problemas Econômicos do Socialismo na URSS - J. Stálin..... Cr\$ 10.000
 - O Revisonismo Chinês de Mao Tsetung - João Amazonas..... Cr\$ 5.000
 - O Trotsquismo, corrente política contra-revolucionária - João Amazonas..... Cr\$ 1.000
 - Em defesa dos Direitos da Mulher - Luiza Moraes..... Cr\$ 5.000
 - Itinerário de Lutas do PCdoB - Haroldo Lima..... Cr\$ 5.000
 - Discurso aos eleitores - Enver Hoxha..... Cr\$ 2.000
 - Albânia - 40 anos desbravando a história - Ramiz Alia e Enver Hoxha..... Cr\$ 6.000
 - Albânia - Aspectos generales..... Cr\$ 15.000
 - A História do Partido Bolchevique na URSS..... Cr\$ 5.000
 - O Brasil de Hoje do ponto de vista popular..... Cr\$ 5.000
- Na sua compra acima de Cr\$ 40.000 ganhe um livro grátis
Pedidos para Editora Anita Garibaldi Ltda.
Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 1511 - CEP 01317 - Tel. 37-4059
São Paulo - Capital
Cheque nominal - Vale Postal ou Reembolso Postal (para pedidos acima de Cr\$ 40.000).

Nova vida à organização de base na legalidade

Nas novas condições surgidas com a legalidade do Partido, em que a filiação começa a se dar em escala ampliada e massiva, novos problemas organizativos aparecem e precisam ser atentamente acompanhados e solucionados. Dentre eles destaca-se o do funcionamento das organizações de base.

Recrutando amplamente, a tendência natural é a de passarmos a ter organizações de base constituídas por dezenas e até centenas de militantes. Nesses casos, devemos aprender a fazer funcionar essas organizações de forma coordenada e permanentemente.

Como todo problema novo, devemos abordá-lo de forma científica. Tomar iniciativas meditadas e no tempo certo e ir acompanhando com espírito crítico e aberto o seu desenvolvimento, corrigindo possíveis erros.

As formas de funcionamento e organização são, nas atuais condições, necessariamente diferentes das adotadas no período anterior. Os dirigentes do Partido, em particular os responsáveis por organização, devem sempre ter isso bem presente. Atualmente representa grave erro aferrar-se a dogmas ou esquemas apriorísticos sem levar em conta a nova realidade.

PROBLEMAS ATUAIS

Vejam alguns problemas que já estão sendo enfrentados em várias regiões e como a vida vai nos indicando as soluções mais corretas:

a) **Sedes e locais do Partido** — Precisamos resolver este problema levando em conta as exigências do Partido. Nos grandes e médios municípios não basta ter a sede do Diretório Regional ou Municipal no centro da cidade. Precisamos ter sedes e locais amplos nos bairros que comportem reuniões com dezenas e até centenas de militantes para possibilitar a realização das **assembleias de base**, quando reúnem-se todos os filiados à mesma;

b) **Periodicidade das reuniões** — reunir o conjunto dos filiados de uma grande organização de base não é coisa fácil e exige uma boa preparação. As reuniões gerais ou assembleias de base, em que se reúnem todos os militantes deverão ser feitas uma vez por mês ou a cada 45 dias. Nos intervalos entre uma assembleia e outra a direção da base deverá reunir separadamente os filiados em grupos de acordo com a frente específica de atuação.

c) **Forma e conteúdo das reuniões** — as assembleias de base reúnem todos os militantes. Nela os comunistas discutem a orientação política do Partido, analisam a atividade prática da base e traçam planos de trabalho. As assembleias da base devem ser reuniões vivas, dinâmicas, simples e práticas. Deve-se evitar todo tipo de esquematismo, formalismo e rigidez burocrática. Os temas devem ser abordados com simplicidade, levando em conta o nível político e o estágio de compreensão dos militantes. Nunca é

demais ressaltar que nesta fase de crescimento e atuação aberta e legal, os métodos e o estilo de trabalho devem primar pela criatividade e amplitude. Nesse sentido, as reuniões devem ser animadas e contar com atividades auxiliares como exibição de filmes, slides ou outros materiais que facilitem a compreensão das questões discutidas.

d) **O papel da direção da organização de base** — para o correto e perfeito funcionamento de uma organização de base é de fundamental importância o trabalho de sua direção. A direção da base funciona como seu estado-maior. Organiza seus membros. Planifica sua ação. Distribui harmonicamente suas forças. Forma seus militantes e quadros. O conjunto dos militantes e filiados deve ser dividido em vários grupos menores ou seções da base. Essas seções são estruturadas de acordo com as várias frentes de trabalho da base, por local de moradia ou atividade profissional. Tomemos um exemplo concreto. Na cidade de Ceilândia — Brasília, Distrito Federal — foi constituída uma base com 150 filiados. Feito o levantamento da situação de cada afiliado, verificou-se que vários são operários da construção civil, outros empregados em estabelecimentos bancários, existem também muitos jovens, alguns estudantes secundaristas, outros não; várias companheiras sem atividade profissional fora do lar, alguns companheiros artesãos ou trabalhadores por conta própria, e outras atividades.

Feito o levantamento, a direção da base procura reunir cada grupo em uma seção da base e com eles traçar as tarefas concretas dentro do plano geral da atividade. Planejam a atuação nos sindicatos, entidades estudantis, formação da organização da juventude, de entidade de mulheres, igualmente nas associações de moradores. Dessa forma, a ação e a atividade da base é bastante ampla. Vincula seus membros às entidades de massas, apóia a luta popular nas diversas frentes. Com um controle bem feito e criterioso, a organização de base da Ceilândia jogará, sem dúvida, importante papel na mobilização e organização de importantes setores das massas da localidade.

As reuniões das seções da base têm uma periodicidade menor, cada quinze ou semana de acordo com a necessidade. Essas reuniões das seções devem, no começo, ser acompanhadas por um dirigente da base até que adquiram sufi-



Ilustração Albanesa

ciente experiência para atuarem de forma mais autônoma;

e) **Composição e funcionamento da direção da base** — O número de membros da direção da base deve ser suficiente para que possa acompanhar e orientar a atividade de seus militantes, sem, no entanto, ser excessivo, que dificulte o seu funcionamento e as suas reuniões regulares.

A direção da base não é o mesmo que um Diretório Distrital. Sua composição deve refletir as várias frentes de trabalho da base pois isso facilita as discussões, o planejamento e a ação do conjunto da base. A direção da base deve reunir-se com mais periodicidade, planificar a ação de acordo com as resoluções tomadas pela assembleia da base e com as orientações dos organismos superiores. Dentre seus membros deve ter necessariamente o secretário político, o responsável de organização e o da distribuição e controle do trabalho com as publicações do partido e os documentos. Os demais membros da direção da base devem ficar responsáveis pelas várias frentes de sua atuação: sindical, jovens, mulheres, associações de moradores etc. As organizações de base de empresa ou escola igualmente levam em conta as várias atividades que a mesma desenvolve para a formação de sua direção;

f) **A formação de quadros na organização de base** — O trabalho de formação de quadros é permanente no Partido e em todos os níveis. É errado pensar que só devem existir quadros nos organismos intermediários ou superiores do Partido. Para que uma base funcione corretamente e cumpra seu papel de cen-

tro de mobilização e organização das amplas massas é necessário que se formem dentre seus militantes o maior número possível de quadros. Devem ser preparados na ação prática da atividade política e no campo teórico e ideológico.

A direção do Partido na região e da base em particular, devem preocupar-se permanentemente com esta importante frente de trabalho partidário. Devem ser organizados cursos, palestras, conferências, seminários, debates etc., que permitam elevar o nível cultural e a formação teórica dos seus filiados. Quanto mais o partido crescer, maiores serão as suas responsabilidades. Ampliando a área de atuação sempre enfrentará novos e complexos problemas que têm de ser resolvidos levando em conta as peculiaridades locais.

A ação concreta nem sempre pode esperar orientações dos organismos superiores, exige soluções práticas e imediatas. Somente sendo dirigida por um núcleo capaz de quadros a base terá dinamismo e flexibilidade para levar a cabo com êxito as suas tarefas;

g) **As finanças da base** — É na base que o militante paga a sua contribuição ao Partido. Essa contribuição é uma exigência estatutária e condição para ser membro do P C do B. Do total arrecadado, uma parte é enviada ao organismo superior e outra fica para custear as próprias despesas com sua atividade: aluguel de sede, biblioteca, materiais de propaganda etc.

A arrecadação pontual das contribuições é fundamental para o bom funcionamento do Partido desde a organização de base à direção nacional. A base não deve ter apenas essa forma de arrecadação de finanças. Deve organizar atividades que mobilizem amplas massas de sua área de atuação que sirvam para a arrecadação de fundos para o Partido. Festas, piqueniques, projeção de filmes, venda de bônus etc. Se o Partido tiver uma atividade ampla de massas, não for uma seita, difundir massivamente os seus documentos, principalmente o seu Manifesto e seu Programa de tal forma que o povo conheça e compreenda nossa linha e orientação, a atividade financeira do Partido crescerá e terá bases sólidas porque apoiada nos vínculos indissolúveis do Partido com a massa.

Companheiros: Seja você também um correspondente de A CLASSE OPERÁRIA. Envie para nossa redação cartas e artigos relatando a luta e a vida em sua fábrica, em sua empresa, em seu bairro, sua escola ou local de trabalho.

Convenções do PC do B apóiam candidaturas democráticas

As Convenções Municipais do PC do B, em várias capitais, foram autênticas manifestações populares de reafirmação dos propósitos de consolidar a democracia e avançar nas conquistas, traduzidos no apoio a candidatos que realmente dêem prosseguimento à grande luta travada nas ruas pelas mudanças.

Após quase 40 anos na ilegalidade, o Partido reuniu milhares de camaradas, amigos e simpatizantes. Em São Paulo, foram cerca de 2 mil pessoas, em Salvador, mais de mil e quinhentas, e em Maceió, mais de mil. Nos outros Estados, a presença popular também foi massiva.

SÃO PAULO

O objetivo de levar adiante a unidade das forças democráticas contra a investida furiosa da direita, que quer transformar a capital num trampolim para solapar as conquistas populares, esteve presente nos discursos dos que prestigiaram o acontecimento na Assembléia Legislativa, no dia 10 de agosto. Antes mesmo meio-dia, o quórum já havia sido atingido e, à tarde, a contagem dos votos registrou 342 votos a favor do senador e presidente do PMDB, Fernando Henrique Cardoso, presente na Convenção.

O dirigente nacional do PC do B Dynéas Aguiar, no seu discurso, destacou que "o Brasil de hoje é diferente daquele que viveu a legalidade de nosso Partido de 45 a 47. Há grandes tarefas para transformar a sociedade. Entendemos que essa transformação só se dará, em definitivo, quando o Brasil for socialista. Entendemos que há todo um caminho a percorrer, e isto exige a unidade da Nação. Neste momento, os camaradas devem ter presente a idéia da unidade com os que querem avançar no caminho das mudanças".

Participaram da Convenção, dentre outros convidados: o prefeito de São Paulo, Mário Covas, o presidente da Câmara Municipal de São Paulo, Marcos Mendonça, o representante do vice-governador do Estado, vários entidades democráticas, populares e estudantis, representantes de sindicatos, deputados federais e estaduais, e vereadores.

SALVADOR

Em Salvador, na Bahia, no dia 21 de julho, o PC do B definiu-se pela coligação partidária com o PMDB para as eleições de novembro, oficializando seu já conhecido apoio ao candidato a prefeito, Mário Kertész.

Com o auditório, corredores, escadarias da Associação dos Funcionários Públicos lotados, foi destacado o papel do Partido nas lutas populares e na unidade das oposições na Bahia e no Brasil. O candidato a prefeito afirmou que a aliança com o PC do B não será "meramente eleitoral", mas "nos levará a lutas maiores". O Deputado Federal Haroldo Lima, do PC do B, conclamou os camaradas e amigos a reforçarem a unidade das forças democráticas para consolidar a Nova República.

Durante a Convenção, foram anunciados os nomes dos integrantes das onze Comissões Provisórias Zonais do Partido em Salvador, organizado legalmente em toda a cidade.

Deputados federais e estaduais, vereadores, lideranças, sindicalistas, e o dirigente nacional do PC do B, Renato Rabelo, estiveram presentes.



Grande presença na convenção de Salvador, na Bahia



Fernando Henrique esteve na convenção de S.P.

MACEIÓ

O Teatro Deodoro foi palco da Convenção Municipal do Partido que homologou o apoio dos comunistas à chapa unitária do PMDB, com Djalma Falcão e José Costa, no dia 12 de agosto. O presidente do Diretório Nacional do PC do B, João Amazonas, destacou que "a proposta de apoio é a mais correta e coerente com a ação que nosso Partido vem pregando, de unir todas as correntes democráticas e populares em torno dos candidatos que sintetizem os desejos de mudanças do povo".

Delegações de sindicatos, de associações de bairros, entidades estudantis com bandeiras vermelhas estiveram na animada Convenção, além das caravanas da capital e do interior.

NATAL

No Rio Grande do Norte, o processo de legalidade do Partido e sua Convenção Municipal foram absoluto sucesso. A convenção do Partido realizada no dia 14 de agosto, mostrou o crescimento do PCdoB não só em Natal, mas também em várias cidades do interior, como Mossoró, Areia Branca e outras. Estado

onde se organizou o único governo popular durante a Insurreição de 1935, o Rio Grande do Norte tem grande tradição revolucionária e democrática.

Realizada na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte, a convenção municipal do PCdoB contou com a presença de mais de 300 militantes, a maioria recém-ingressos e muitos que reencontravam seu partido após muitos anos. Dediuiu-se nessa convenção pelo apoio ao candidato do PMDB Garibaldi Filho nas eleições municipais de Natal e pela formulação da coligação, que foi aceita pelo PMDB.

NO PARÁ

Em Belém, a convenção do PCdoB serviu não só para sedimentar a implantação do Partido na capital do Pará e formalizar o acordo eleitoral com o PMDB, apoiando o candidato Fernando Coutinho Jorge mas também para mostrar o reencontro de antigos militantes comunistas com seu partido, como foi o caso do ex-deputado estadual pelo Partido Comunista do Brasil em 1947, Henrique Felipe Santiago. O ex-parlamentar comunista não só compareceu à conven-

ção levando mais três antigos militantes, como assinou ficha reafirmando sua filiação ao PCdoB.

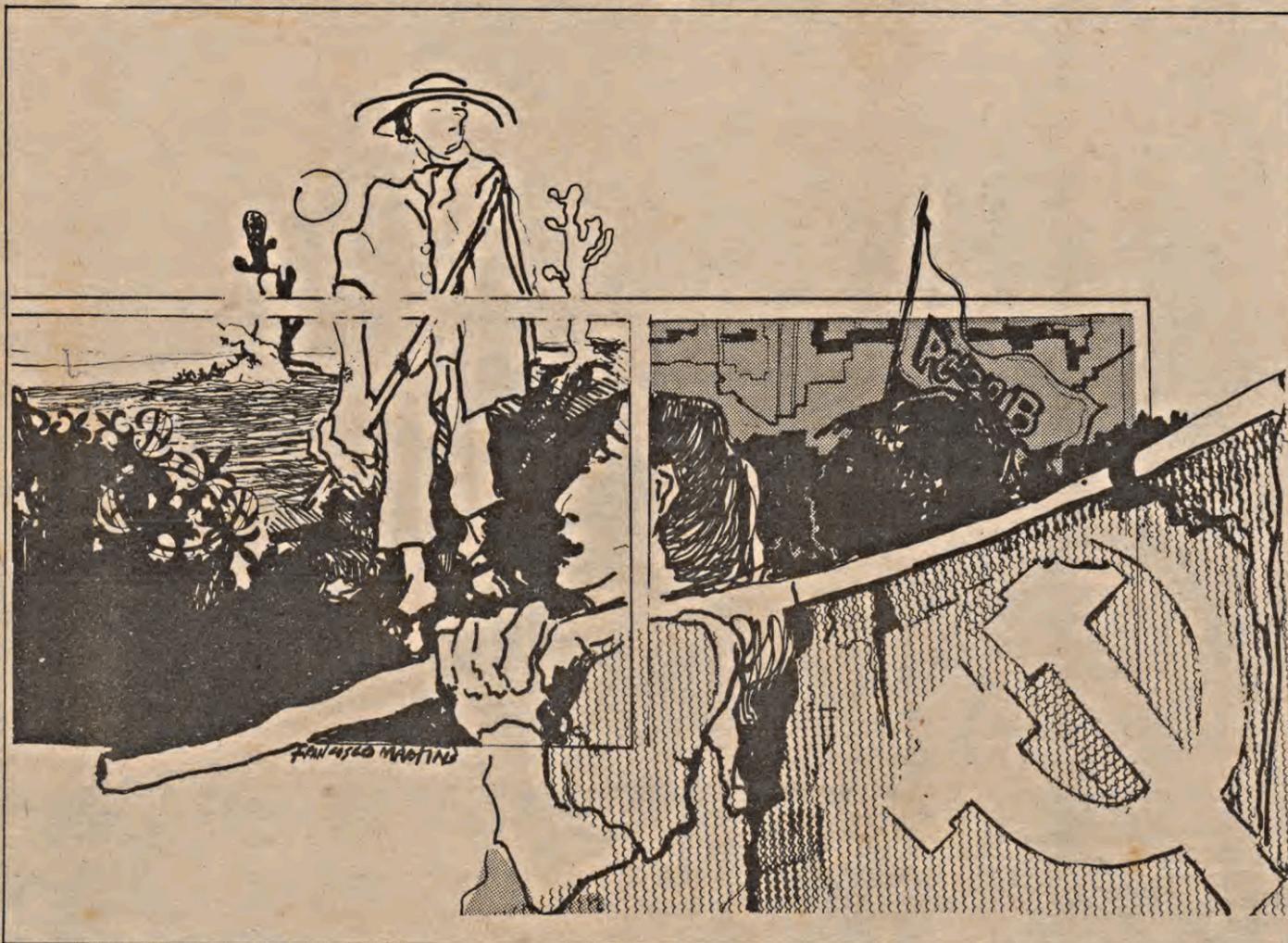
Henrique Santiago tem longa folha de serviços prestados ao proletariado paraense. Preso em agosto de 1941, fugiu da prisão juntamente com os camaradas João Amazonas e Pedro Pomar, retornando à sua terra para continuar a luta, que acabou por levá-lo à Assembléia Legislativa pela legenda do Partido Comunista do Brasil.

OUTROS ESTADOS

O Partido Comunista do Brasil realizou convenções municipais para decidir o apoio a candidatos democráticos também nos Estados de Pernambuco, Rio Grande do Sul, Piauí, Goiás, Espírito Santo, Ceará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Amapá, Paraná, Amazonas, Sergipe, Minas Gerais, Maranhão, Acre. Nas capitais de todos estes Estados, o PCdoB realizou convenções massivas e representativas e decidiu-se apoiar os candidatos do PMDB, com exceção de Recife, onde formalizou-se o apoio ao deputado federal Jarbas Vasconcelos, do PSB.

César Diniz

Operários e brasileiros entrem para o seu partido, o PC do B



Operários, trabalhadores, camponeses, estudantes, professores, artistas, intelectuais, técnicos e profissionais liberais, jovens e mulheres das camadas populares, o PC do B alcançou sua legalidade. Entre para seu partido, o partido de luta pela democracia e pelo socialismo!

O PC do B, que sempre lutou contra a dominação estrangeira, contra a exploração dos trabalhadores e do povo, quer ter mais e mais brasileiros em suas fileiras para continuar na batalha que levará o Brasil à democracia, à independência e ao progresso.

Que surja o Partido onde houver homens e mulheres dispostos a lutar pela emancipação nacional e social! Cada célula ou comitê do Partido, que esses homens e mulheres do povo organizarão, será uma semente em solo fértil, que fará do PC do B uma organização forte e influente.

O PARTIDO E SEUS MEMBROS

Os Estatutos do PC do B, recentemente aprovados (ver CO de junho/85), definem claramente o caráter do Partido. De acordo com o artigo primeiro, "O Partido Comunista do Brasil, fundado a 25 de março de 1922, reestruturado a 18 de fevereiro de 1962 e reorganizado como partido legal em maio de 1985, é a união voluntária e combativa dos comunistas, uma organização inteiramente dedicada à defesa do povo e a serviço dos mais altos interesses da nação. Tem como objetivos programáticos finais o socialismo e a edificação da sociedade comunista".

Já o artigo 8º, ao definir as condições de filiação partidária, estabelece: "Membro do Partido é todo aquele que, sendo maior de 18 anos, aceita seu Programa e Estatutos, cumpre suas decisões, atua em um de seus organismos e paga as contribuições estabelecidas".

FILIE-SE AO PC do B Procure uma de nossas sedes

Alagoas

Rua Joaquim Távora, 349 - Centro - Maceió-Fone: 221.4634 - CEP 57.000

Amazonas

Rua Henrique Martins, 100 - Centro - Manaus Fone: 223.5530 - CEP 64.000

Bahia

Rua da Independência, 27 - Centro - Salvador-Fone: 241.6420 - CEP 40.000

Ceará

Rua São Paulo, 1350 - Centro - Fortaleza-CEP 60.000

Distrito Federal

Edifício Venâncio. SDS - Brasília CEP 70302

Espírito Santo

Rua General Osório, 127 - 7º andar - sala 711 - Vitória - CEP 29.000

Goiás

Rua 3, nº 380 - Centro - Goiânia Fone 65.1268 - CEP 74.000

Maranhão

Rua Oswaldo Cruz, 921 - São Luiz Fone: 221.5777 - CEP 65.000

Mato Grosso

Rua Comandante Costa, 548 - Centro Fone: 321.5095 Cuiabá - CEP 78.000

Minas Gerais

Rua Mato Grosso, 666 - sala 216 - Belo Horizonte - Fone: 337.6361 - CEP 30.000

Pará

Rua Manoel Barata, 990 - Belém CEP 66.000

Paraíba

Pça. 1817, nº 88 - 1º andar - Centro João Pessoa - CEP 58000

Pernambuco

Rua do Sossego, 419 - Boa Vista Fone: 222-3418 - Recife - CEP 50.000

Piauí

Rua Barroso, 144, 1ª andar norte - Teresina - Fone: 222.2044 - CEP 64.000

Rio de Janeiro

Rua do Rosário, 135 - salas 303/304 - Centro Rio de Janeiro - CEP 20.000

Rio Grande do Sul

Rua Coronel Vicente, 596 - Centro Porto Alegre - Fone: 26-7481 - CEP 90.000

Rio Grande do Norte

Av. Deodoro, 766 - Cidade Alta Natal - CEP 59.000

São Paulo

Rua Capitão Macedo, 222 - Vila Mariana Fone 549.2089 - CEP 04021

Rua Genebra, 135 - 4º andar Fone: 32.9720 - CEP 01316 - São Paulo - Capital

Direção Nacional

Praça Carlos Gomes, 60 - Conj. 52 - Centro Fone: 36.1518 e 37.4057
São Paulo - Capital

Aos Diretórios do PCdoB
Os diretórios regionais e municipais do Partido Comunista do Brasil que mudarem de endereço ou forem inaugurados, devem comunicar a alteração imediatamente para a redação de A CLASSE OPERÁRIA.